

## CAPÍTULO I

---

DEPOIS DE PASSAR por Viena, mas muito antes de chegar a Budapeste, o Danúbio percorre uma região especialmente desolada e solitária, onde suas águas se espalham em todas as direções, saindo do leito principal e formando um gigantesco pântano que, por muitos quilômetros, é inteiramente recoberto de salgueiros. Nos mapas, essa área desértica costuma ser representada por um azul desmaiado, que se torna ainda mais claro a partir das margens, tendo sobre a região, impressa em letras grandes e espaçadas, a palavra *Sumpfe*, que quer dizer fronteira.

Quando há cheia, essa enorme área composta de areia, cascalho e de pequenas ilhas cobertas por salgueiros é quase totalmente tomada pela água. Mas no resto do ano as copas dos salgueiros, debruçadas e batidas pelo vento, sussurram, exibindo ao sol folhas cor de prata, num movimento incessante de rara beleza. Esses salgueiros não têm a dignidade das outras árvores pois, sem tronco rígido, tornam-se arbustos humildes, de copa arredondada e fluida, balançando-se em suas hastes frágeis diante da mínima brisa. São dóceis como um gramado e seu ondear contínuo dá a impressão de que o prado intento se move — como se estivesse *vivo*. Isto porque o vento provoca ondas que sobem e descem na superfície, ondas de folhas e não de mar, vagas verdes como as marinhas, até os galhos se contorcem, erguendo-se, e o prateado da parte interna das folhas é exposto ao sol.

Feliz por transpor o limite de suas garras, o Danúbio ali se espraia à vontade, numa intrincada trama de canais que ligam as ilhas por toda parte. A água corre borbulhante em largos leitos, formando rodamosinhos, correntes e espuma, chocando-se contra as margens, carregando terra e folhagens para formar novas ilhotas, inúmeras, que a cada dia mudam de formato e tamanho, com sua vida efêmera, já que são as correntes d'água que determinam sua existência.

Para ser exato, essa parte fascinante do rio começa logo depois de Pressburg e nós, em nossa canoa canadense, levando a bordo barraca e frigideira, chegamos lá durante uma cheia, em meados de julho. Naquela manhã, com o céu ainda avermelhado pela aurora, havíamos deixado Viena, cidade adormecida, que logo se reduziria a uma coluna de fumaça sobre as colinas azuis do Wienerwald, estampadas no horizonte. Tomamos café abaixo de Fischamend, junto a um bosque de bétulas mexidas pelo vento. Depois, entramos na corrente e passamos por Orth, Hainburg, Petronell (a Carnuntum da Roma Antiga de

Marco Aurélio), seguindo junto às colinas sombrias de Theben num dos paredões dos montes Carpáticos, onde a fronteira se insinua, à esquerda, e onde se cruza a divisa entre a Áustria e a Hungria.

Remando a doze quilômetros por hora, logo estávamos em território húngaro, onde as águas lamacentas — sinal inequívoco de cheia — nos jogaram várias vezes contra o cascalho das margens, girando a canoa em rodadoiros como se fosse uma rolha, até avistarmos as torres de Pressburg (em húngaro, Poszóny) contra o céu. Nesse ponto, a canoa, empinando como um cavalo bravo, disparou junto às muralhas cinzentas, atravessou em segurança as ondas provocadas pelo *ferry* de Fliegende Brücke, fez uma súbita curva à esquerda e mergulhou na espuma amarela, em direção às ilhas desertas, aos bancos de areia, ao pântano — à terra dos salgueiros.

A mudança foi instantânea, como quando estamos projetando fotos de uma cidade e o cenário muda sem aviso para um lago ou uma floresta. Num instante estávamos em território desolado e em menos de meia hora já não se avistava barco, cabana de pesca, telhado vermelho ou qualquer outro sinal de civilização ou de presença humana. A sensação de estar longe da humanidade, o isolamento máximo, o fascínio exercido por esse mundo de salgueiros, águas e ventos tiveram sobre nós um poder imediato. Tanto que nos dissemos, rindo, que deveríamos ter apresentado alguma espécie de passaporte, em vez de, audaciosamente, ter penetrado naquele pequeno reino de magia e sonho — um reino reservado aos que tinha permissão para estar ali, cheio de avisos implícitos para os forasteiros com imaginação para percebê-los.

Embora a tarde apenas começasse, o vento que já chicoteava com violência nos deixou cansados e logo começamos a procurar um lugar adequado para acampar e passar a noite. Mas a região, por suas características, nos desorientava e não conseguíamos encostar a canoa. Os rodadoiros nos jogavam em direção à margem e depois nos devolviam à corrente, os ramos dos salgueiros feriam nossas mãos quando tentávamos segura-los para parar o barco e percorrermos um bom trecho de água junto aos bancos de areia até que uma forte lufada de vento lateral nos empurrou para um recanto e conseguimos afinal atracar, erguendo uma nuvem de água com a proa.

Rindo muito e ofegantes com tamanho esforço, cámos ali na areia quente, ao abrigo do vento, sob um sol escaldante e um céu do mais absoluto azul, enquanto à nossa volta, cercando-nos por todos os lados, um imenso exército de salgueiros dançava e gemia, as folhas cor de prata cintilando em agitação, como se fossem milhares de mãozinhas aplaudindo nossa proeza.

— Que rio! — disse para meu companheiro, pensando em todo o percurso que havíamos feito desde a Floresta Negra e em como, no começo de junho, muitas vezes fomos obrigados a empurrar o barco para vencer os bancos de areia.

— Ele não vai nos pregar nenhuma peça, vai? — disse meu amigo, puxando o barco um pouco mais para cima, onde estaria seguro, e em seguida se ajeitando para descansar.

Deitei-me de lado na areia e, sentindo com prazer a força dos elementos — água, vento, areia, o forte calor do sol —, pensei na longa jornada já feita, no rio imenso que se estendia à nossa frente até o mar Negro e em como era um homem de sorte por ter um companheiro de viagem como meu amigo, o Sueco.

Já fizéramos juntos outras jornadas como aquela, mas o Danúbio, mais do que qualquer outro rio que conhecíamos, nos impressionara desde o início porque, acima de tudo, parecia estar *vivo*. Desde sua tímida e borbulhante entrada no mundo, por entre os jardins de pinheiros de Donaueschingen, até esse trecho em que começava a se transformar um grande rio, brincando de se espalhar pelos pântanos, solitário e sem limites, ele sempre no fizera sentir como se seguísemos os rastros de uma criatura viva. Sonolento, a princípio, mas depois repleto de loucos desejos, à medida que tomava consciência de alma profunda, ele rolava, com um ser imenso e fluido, através dos países que percorríamos, sustentando em seus ombros nosso pequeno barco, brincando conosco, às vezes com rudeza, mas sempre amistoso, até que findamos por encará-lo, inevitavelmente, como o Grande Personagem.

Como poderia ser diferente com o tanto que ele nos contara sobre sua vida secreta? À noite, quando nos deitávamos em nossa tenda, o ouvíamos cantar ao luar, proferindo para si mesmo a nota singular e sibilante provocada pelo arrastar dos seixos em seu leito, tal a velocidade das águas.

Conhecíamos, também, os sons gorgolejantes de seus rodamoinhos, brotando de repente na superfície da outrora calma; o troar da água nos bancos de areia, o som das corredeiras caudalosas; seu ruído constante sobrepondo-se a todos os outros sons; o roçar incessante de suas águas geladas nas margens. Como parecia erguer-se e gritar quando a chuva caía sobre a superfície! E como seu riso ecoava enquanto o vento batia contra a corrente, ameaçando contê-lo! Conhecíamos já todos aqueles sons e vozes, suas cascatas e espumas, o bater inútil contra as pontes, o diálogo consciente quando havia colinas por perto; a dignidade afetada de seu discurso quando atravessava as cidades, circunspecto diante de sua importância, e conhecíamos, também, todos aqueles sussurros suaves, doces, que dele se desprendiam quando o sol incidia sobre suas águas numa curva, despejando-se sobre ele e fazendo surgir as brumas.

Era cheio de truques, jovem ainda, quando o mundo pouco conhecia. Havia trechos junto à nascente, perto das florestas Suábias, onde nem seus primeiros sussurros eram ouvidos, trechos em que o rio se escondia em fendas no solo para reaparecer mais adiante, brotando das rochas de calcário e recomeçando seu curso com um outro nome; trechos onde o rio deixava tão pouca água sobre o leito que tínhamos de caminhar montanha acima ou chapinhar nas águas

empurrando a canoa por quilômetros e quilômetros e bancos de areia.

Um prazer especial tinha ele, naqueles dias de juventude irresponsável, em colar-se ao leito antes que os afluentes turbulentos vindos dos Alpes o encontrassem, recusando-se a recebe-los, ignorando-os, correndo lado a lado com as águas estranhas por quilômetros, a linha divisória bem marcada, muitas vezes mantendo mesmo níveis diferentes, recusando-se a aceitar as águas forasteiras. Mas logo abaixo de Passau abria mão desse truque, porque ali as águas novas chegavam com força irreprimível, impossível de ignorar, empurrando e incomodando o rio-pai, deixando pouco espaço para ambos no leito estreito e sinuoso. Ali, o Danúbio era jogado para lá e para cá contra os rochedos, forçado a correr em grandes ondas, acoitado contra as margens de um lado e outro como se disso precisasse para chegar a tempo ao seu destino. Nessa luta, nossa canoa era arremessada dos ombros para o seio do rio e enfrentava a emoção maior das águas revoltas. Mas as águas forasteiras ensinavam ao velho rio uma lição e, para além de Passau, ele já não fingiria ignorar os jovens afluentes.

Tudo isso, é claro, fora muitos dias antes e, desde então, tínhamos entrado em contato com outros aspectos da grande criatura, como ao cruzar os trigais de Straubing, na Bavária, onde o rio corria tão manso sob o sol de junho que chagávamos a imaginar que apenas sua superfície era feita de água, quando logo abaixo, movendo-se como se encoberto por um manto de seda, corria um exército inteiro de Ondinas, descendo em silêncio e em segredo na direção do mar, brincando, inofensivas — desde que não fossem descobertas.

Tudo perdoávamos ao rio por causa de sua doçura para com os animais e pássaros que infestavam as margens. Os cormorões se alinhavam junto ao leito em fileiras, como pequenas estacas negras; gralhas cinzentas se aglomeravam no chão de cascalho; cegonhas pescavam junto aos bancos de areia que se formavam entre as ilhas, enquanto falcões, cisnes e outros pássaros do pantanal enchiam o ar com suas asas cintilantes e seu canto agressivo. Era impossível aborrecer-se com os caprichos do rio, depois de ver uma corça saltar na água ao raiar do dia e nadar junto à canoa. Os cervos nos observavam por entre os arbustos e às vezes, ao desembocar a toda numa curva do rio, dávamos com os olhos castanhos de um veado nos mirando fixamente. Havia também raposas, saltando graciosamente por entre os troncos levados pelas águas e desaparecendo como que por encanto.

Mas agora, depois de passar por Pressburg, houvera uma mudança e o Danúbio se tornara mais sério. Deixara de brincar. O rio estava a meio caminho do mar Negro, numa altura em que eles já podiam sentir os aromas um do outro e, naquelas terras estranhas, truques não seriam permitidos nem compreendidos. Subitamente, ele se tornara adulto, exigindo de nós respeito e até temor.

Acabara de partir-se em três cursos d'água, que só voltariam a se encontrar centenas de quilômetros abaixo, e para uma canoa não havia qualquer sinalização dizendo qual dos caminhos seguir.

— Se vocês pegarem um dos canais laterais e as águas baixarem de repente — dissera um húngaro que encontráramos no armazém em Pressburg —, podem acabar isolados, sem nada em torno num raio de dezenas de quilômetros, num planalto seco onde podem até morrer de fome. Não há gente, nem fazendas, nem pescadores. Estou avisando vocês: parem por aqui. Além disso, o rio está subindo e o vendaval vai piorar.

A cheia não nos assustava em nada, mas a ideia de ficar isolados num planalto desértico por uma súbita baixa das águas nos parecia algo sério e, por isso, compramos um estoque extra de provisões. No mais, as profecias da húngara se concretizaram e o vento, vindo de um céu perfeitamente azul, soprou em dar trégua, até ganhar a dignidade de um vendaval.

Era mais cedo do que de costume quando decidimos montar acampamento. O sol ainda devia estar a uma ou duas horas do horizonte quando, deixando meu amigo ainda adormecido na areia quente, comecei a inspecionar o terreno que nos abrigaria. A ilha, logo descobri, tinha menos de meio hectare de extensão, era apenas um banco de areia, cerca de meio metro acima do nível das águas. A ponta, que ficava na direção do horizonte, estava coberta pelo vapor d'água, tal a força com que o vento batia na crista das ondas. A ilhota tinha formato triangular, com o vértice superior apontado contra a corrente.

Ali fiquei por alguns minutos, olhando a correnteza impetuosa e avermelhada descer com um troar tremendo, saltando em ondas contra as margens como se fosse arrancá-las para depois se dividir em dois cursos espumantes, de ambos os lados da ilha. O solo parecia tremer com o choque das águas, enquanto os salgueiros, batidos pela ventania, aumentavam a curiosa ilusão de que toda a ilha se movia. Acima, por dois ou três quilômetros, via o rio, despejando-se em minha direção: era como olhar a parede íngreme de uma montanha a partir de seu sopé, branca como espuma, batendo-se em toda parte como a se exhibir para o sol.

No mais, a ilha era inteiramente coberta por salgueiros o que dificultava a caminhada, mas dei uma volta por ali assim mesmo. No ponto mais abaixo, a luz, é claro, se modificava, fazendo o rio parecer escuro e feroz. Apenas a parte posterior das ondas era visível, ondas esvoaçantes, repletas de espuma e empurradas com força pelo vento que batia de trás em lufadas furiosas. Por pouco mais de um quilômetro o rio era visível, serpenteando por entre as ilhas para em seguida desaparecer, tragado por um mar de salgueiros que sobre ele se debruçava, como se fossem monstros pré-diluvianos curvando-se para beber água. Eles me lembravam gigantescas esponjas que do rio se embebessem, absorvendo-o. O rio desaparecia de vista. E a partir de um certo ponto havia

apenas salgueiros, numerosos, onipresentes.

O conjunto formava uma cena impressionante, de absoluta solidão e sugestões bizarras. À medida que olhava em volta, demorada e curiosamente, foi surgindo em algum ponto dentro de mim uma emoção singular. Embora tivesse prazer em olhar aquela paisagem bela e selvagem, sentia crepitar, inexplicado e inesperado, um estranho sentimento de inquietação, quase que de alarme.

Um rio, na cheia, talvez seja sempre algo assustador: daquelas ilhas que via, muitas provavelmente já teriam desaparecido quando o dia amanhecesse; a força irresistível da torrente d'água infundia certa dose de medo. Contudo, percebia que minha inquietação vinha de uma região ainda mais profunda, habitada por sentimentos maiores do que o simples temor ou a incerteza. Não era isso que sentia. Tampouco tinha a ver com a força do vento, aquele vendaval que parecia capaz de arrancar os salgueiros pelas raízes e espalha-los como se fossem pedaços de palha. O vento parecia mesmo ter um toque de alegria, pois nada havia na região que o detivesse, e eu dividia com ele toda aquela excitação e prazer. Por isso tinha certeza de que a estranha emoção não possuía qualquer ligação com o vento. Na verdade, era algo tão vago que me era impossível precisar sua fonte para aprender a lidar com ela. Sabia apenas que estava relacionada com uma sensação de pequenez de nossa parte diante da força dos elementos. O rio crescente tinha algo a ver com aquilo, também — com a sensação desagradável de que desfiáramos os poderes ali presentes e que agora estávamos à sua mercê. Porque ali todos os elementos se juntavam como para brincar e a visão de tal cenário ataçava a imaginação.

Mas logo percebi que a sensação tinha algo a ver com os salgueiros. Quilômetros e quilômetros de arbustos juntos numa só massa, enchendo a paisagem até onde a vista podia alcançar, pressionando o rio como a sufocá-lo, aglomerados como um exército sob o céu, observando, esperando, ouvindo. E, à parte a força dos elementos, percebi que os salgueiros se conectavam diretamente com minha inquietação, atacando a mente através de seu poder coletivo, representando, em meu imaginário, uma nova força, que nada tinha de amistosa.

As grandes revelações da natureza sempre impressionam e eu não estava de todo desacostumado a ter aquele tipo de sensação. As montanhas oprimem, os oceanos aterrorizam, o mistério das grandes florestas tem um efeito peculiar sobre cada um de nós. Mas todos esses sentimentos estão ligados, de uma forma ou de outra, à experiência humana, à própria vida. São emoções que, embora assustadoras, podem ser entendidas. E acabam desaparecendo.

Com a multidão de salgueiros, porém, eu sentia uma coisa diversa. Deles emanava uma essência que fazia meu coração sentir-se sitiado. Uma sensação de temor real, sim, mas um temor com matizes de terror. Eles cerravam

fileiras, crescendo por toda parte, formando sombras cada vez mais escuras à medida que a noite caía, movendo-se ao vento com suavidade e fúria, reforçando em mim a impressão de que havíamos trespassado as fronteiras de um mundo alienígena, um mundo onde éramos intrusos, onde não éramos bem-vindos, onde não deveríamos ficar — e onde talvez corrêssemos perigo.

Contudo, aquela sensação, ainda que misteriosa a ponto de me ser impossível analisá-la, não chegou a alarmar-me então. É verdade, porém, que tampouco deixei de senti-la, mesmo durante o trabalho de tentar montar a barraca em meio à ventania infernal ou acender o fogo para cozinhar. A sensação permaneceu, apenas um pequeno ponto incomodando e confundindo, tirando um pouco de minha capacidade para apreciar a beleza do lugar. Nada comentei com meu amigo, pois ele não era dado a imaginações. Em primeiro lugar, eu jamais teria sabido explicar-lhe o que estava sentido.

Em segundo, tinha certeza de que, se o fizesse, ele riria de mim.

Havia, bem no meio da ilha, uma pequena depressão e foi ali que montamos a barraca. Os salgueiros em volta barravam um pouco a passagem do vento.

— Não está grande coisa — disse o Sueco, imperturbável, quando afinal conseguimos pôr a barraca em pé. — Não há pedras, nem lenha para o fogo. O melhor que temos a fazer é ir embora amanhã cedo. Esta ilhota não vai resistir por muito tempo.

Já tínhamos passado pela experiência de uma barraca desabando no meio da noite e, por isso, tentamos fazer com que nosso abrigo fosse o mais seguro possível. Em seguida, saímos em busca de lenha que durasse ao menos até a hora de dormir. Os salgueiros não possuem galhos e as toras de madeiras trazidas pela corrente eram nossa única fonte de lenha. Fizemos uma cuidadosa busca pelas bordas da ilha. Por toda parte, as margens se desfaziam diante da força das águas, levadas em grandes nacos correntes abaixo, em meio a ruídos gorgolejantes.

— A ilha já está menor do que quando chegamos — disse o Sueco, observador. — Se continuar assim, não vai durar muito. Melhor amarrarmos a canoa bem perto da barraca e ficar alerta para levantar acampamento a qualquer hora. Eu vou dormir de roupa.

Enquanto falava, estava alguns metros à minha frente, mas eu podia ouvir sua risada alegre.

— Nossa! — gritou de repente.

Virei-me para ver o que provocara a exclamação. Mas ele estava oculto pelos salgueiros e, por um instante, eu o perderei de vista.

— O que é isso?! — gritou de novo, a voz séria.

Corri em sua direção e fui encontrá-lo junto à margem. Ele olhava para o rio, apontando para a água.

— Meu Deus, é o corpo de um homem!! — disse, alterado. — Olhe!

Alguma coisa escura, sendo revirada em meio à espuma, passava depressa, levada pela correnteza. Às vezes desaparecendo para novamente vir à tona. Devia estar a uns sete metros da margem e, no momento em que passava bem diante de onde estávamos, desemborcou e ficou de frente para nós. Vimos seus olhos refletindo a luz do sol, olhos amarelos e estranhos, que faiscavam quando o corpo se virou. Em seguida aquilo estremeceu e, num segundo, mergulhou, nadando para longe dali.

— É uma lontra!! — gritamos juntos, caindo na risada.

Era *mesmo* uma lontra, viva, aparentemente caçando. Mas, curiosamente, parecera por um momento o corpo de um homem afogado, revirando ao sabor da corrente. Muito além ela voltou a emergir e vimos seu pêlo escuro, molhado, brilhando ao sol.

Pouco depois, quando já voltávamos ao acampamento, os braços carregados de lenha, outra coisa nos chamou a atenção no rio. Dessa vez, era mesmo um homem, um homem dentro de um barco. Uma canoa pequena no Danúbio era uma visão comum em qualquer época, mais ainda naquela região desértica, em dias de cheia. Sua presença ali era tão inesperada que parecia irreal.

Ficamos de pé, olhando.

Fosse por causa do sol oblíquo ou pelos reflexos da água esplendidamente iluminada àquela hora, o fato é que, não sei bem, mas me foi impossível focalizar com exatidão aquela aparição etérea. Parecia mesmo ser um homem, de pé sobre uma canoa de fundo chato, com um longo remo nas mãos, sendo levado pela corrente a toda velocidade, junto ao outro lado do rio. Dava a impressão de estar olhando em nossa direção, mas a distância era grande e a luz muito incerta para que pudéssemos observá-lo melhor. Pareceu-me que gesticulava, como se sinalizasse para nós. Ele gritava alguma coisa, mas a ventania era tamanha que sua voz chegava entrecortada, sendo impossível discernir uma palavra do que dizia. Havia nele qualquer coisa singular — a figura, o barco, os sinais, a voz —, que me causou uma impressão profunda, desproporcional.

— Ele está se benzendo! — gritei. — Olhe. Ele está fazendo o sinal da cruz!

— É verdade — disse o Sueco, protegendo os olhos da claridade e tentando observar o homem que se afastava.

Num instante ele desapareceu, tragado pelo mar de salgueiros que, banhados pelo sol na curva do rio, formavam uma belíssima muralha cor de carmim, enquanto a bruma começava a apagar a paisagem.

— Que diabo estará fazendo aqui, já quase de noite e com esta cheia? — indaguei, como se pensasse alto. — Aonde será que vai a uma hora dessas e por que estaria fazendo todos aqueles sinais? Será que queria nos avisar de alguma coisa?

— Ele viu nossas silhuetas e com certeza pensou que fôssemos espíritos —

disse meu amigo, rindo — Esses húngaros acreditam em tudo. Lembra-se da mulher na loja de Pressburg dizendo que ninguém pára aqui nestas ilhas porque pertencem a seres de outro mundo? Eles acreditam em duendes, fadas e até em demônios. Aquele camponês no barco viu gente nas ilhas pela primeira vez na vida — continuou, depois de uma pausa. — E ficou apavorado, é isso!

O tom de voz do Sueco não era convincente e notei qualquer coisa diferente no jeito dele, embora não soubesse dizer o quê.

— Se tivessem mesmo imaginação — disse, rindo alto (lembro-me de tentar fazer o máximo de barulho possível) —, povoariam este lugar com os deuses da Antiguidade. Os romanos devem ter invadido a região com seus santuários, seus altares sagrados e suas divindades primitivas.

O assunto mudou e voltamos para perto do fogo, pois meu amigo não era muito chegado a conversas fantasiosas. Na verdade, lembro-me de, naquele momento, ter pensado em como era bom ele ser assim. Seu jeito impassível e sua natureza prática de repente me transmitiram uma sensação reconfortante. Era de fato um temperamento extraordinário o dele: numa canoa, era capaz de dominar as corredeiras como um índio, de enfrentar os rodamosinhos e as pontes perigosas melhor do que qualquer homem branco. Era um grande companheiro de viagens e aventuras, sempre forte diante das adversidades. Observando seu rosto sério, o cabelo louro e encaracolado, enquanto carregava com esforço uma pilha de lenha (o dobro do tamanho da minha!), fui tomado por um sentimento de alívio. Sim, eu me sentia particularmente feliz com a presença do Sueco — ele que, com seu jeito de ser, só dizia aquilo que de fato queria dizer, sem segundas intenções.

— O rio continua subindo — informou, como se adivinhasse meus pensamentos, enquanto jogava no chão sua acha de lenha. — Esta ilha vai estar submersa em dois dias se a cheia não passar.

— Eu gostaria é de que o *vento* parasse — comentei. — Não me importo nem um pouco com o rio.

A cheia, na verdade, não era uma ameaça para nós. Podíamos levantar acampamento em dez minutos e, além disso, quanto mais água tivéssemos, melhor. Assim teríamos correnteza mais forte e menos risco de encalhar no leito de cascalho, sempre uma ameaça ao casco da canoa.

Ao contrário de nossas expectativas, o vento não diminuiu com o pôr-do-sol. Pareceu mesmo aumentar à medida que escurecia, uivando sobre nossas cabeças e sacudindo os salgueiros como se fossem fio de palha. As lufadas provocavam sons estranhos, às vezes estrondos fortes como um tiro, que desabavam sobre as águas e sobre a ilha em chicotadas de enorme prazer poder.

Faziam-me pensar no troar que um planeta deve fazer ao cruzar o espaço, se nos fosse dado ouvi-lo.

Mas o céu continuava limpo de nuvens e logo depois do jantar surgiu do

leste a lua cheia, cobrindo o rio e a planície de salgueiros uivantes com uma luz clara como o dia.

Ficamos deitados em nosso pedaço de areia junto à fogueira, fumando, ouvindo os ruídos da noite que nos cercava e conversando animados sobre aventuras passadas ou sobre planos futuros. O mapa da jornada estava aberto e pregado na porta da barraca, mas o vento forte tornava difícil examiná-lo e acabamos por baixar a cortina e apagar a lanterna. Restou-nos a chama da fogueira — suficiente para acender os cigarros e iluminar nossos rostos —, cujas chispas dançavam enlouquecidas, como se fossem fogos de artifício. A alguns metros dali, o rio gorgolejava e sibilava.

De tempos em tempos, um ruído mais forte anunciava que outro pedaço de margem se desprendera.

Nossa conversa, notei, versava sobre cenários e acontecimentos distantes, como nossas primeiras noites na Floresta Negra ou qualquer outro assunto que nada tivesse a ver com o momento presente, do qual só falávamos o mínimo necessário — quase como se tivéssemos feito um acordo tácito para evitá-lo. Nem mesmo os episódios da lontra e do homem no barco foram citados, quando normalmente teriam sido o principal assunto da noite. Num lugar como aquele, eram temas proibidos.

Como havia pouca lenha, não era fácil manter a fogueira acesa e ainda por cima o vento soprava em nossos rostos a fumaça, que tragávamos a contragosto. Por isso, combinamos que nos alternaríamos, saindo cada um de uma vez para procurar madeira na escuridão. As quantidades que o Sueco trazia me davam a impressão de que estava passando tempo demais em sua busca. Mas o fato é que não me importava nem um pouco em ficar sozinho e só lamentava quando chegava de novo minha vez de sair caminhando por entre os arbustos ou pelas margens, sob a lua, atrás de lenha. A luta diurna contra a água e o vento — e que água e que vento! — nos tinha deixado a ambos esgotados e logo ficou claro que devíamos ir dormir cedo. Ainda assim, nenhum dos dois se movia em direção à barraca. Continuávamos por ali, remexendo o fogo, conversando fiado, perscrutando os salgueiros e ouvindo os barulhos do rio e do vento. A solidão daquele lugar parecia ter penetrado em nossos olhos e o silêncio caiu sobre nós naturalmente, pois depois de algum tempo o som de nossas vozes começou a parecer um pouco irreal, forçado. Sussurrar teria sido a melhor forma de comunicação, pensei, porque a voz humana, absurda em meio ao som dos elementos, tinha um toque de ilegitimidade. Era como se falássemos alto no interior de um templo ou em local proibido, ou mesmo num lugar onde ser ouvido significasse *perigo*.

Aquela ilha solitária e lúgubre, plantada em meio a milhões de salgueiros, varrida por um furacão, cercada por águas profundas e ferozes, havia mexido conosco. Inexplorada, quase desconhecida do homem, ali estava sob a lua, longe

da influência humana, como se na fronteira de um outro mundo, um mundo alienígena, comandado apenas por salgueiros — pelas almas dos salgueiros. E, em nossa impetuosidade, tínhamos ousado invadir, até mesmo usar, aquele território.

Alguna coisa além do simples poder do mistério penetrou em mim enquanto me deixava ficar, deitado na areia, os pés junto ao fogo, olhando as estrelas através das folhagens. Pela última vez, ergui-me e saí em busca de lenha.

— Quando a lenha acabar — disse —, vou entrar.

Meu companheiro limitou-se a me olhar, preguiçosamente, enquanto eu desaparecia nas sombras.

Para um homem de espírito fraco, o Sueco me parecia naquela noite estranhamente receptivo, aberto a sugestões que não são apenas as sensoriais. Ele, também, parecia tocado pela solidão do lugar. Foi com inquietação que percebi essa mudança em meu amigo e, em vez de ir logo catar lenha, decidir ir até a ponta da ilha, de onde poderia avistar melhor o rio e a planície banhados pela luz da lua. A necessidade de estar só me invadira de repente. E o mesmo temor de antes. Uma sensação inexplicável que precisava encarar e provar até o fim.

Quando cheguei à ponta de areia entre as ondas, a magia do lugar se fez sentir de forma direta, como um choque. Um simples cenário que não teria sido capaz de tal efeito. Havia ali alguma coisa além, algo que dava medo.

Olhei para as águas, em turbilhão. E para os salgueiros, que murmuravam. Percebi o barulho incessante do vento. Todos aqueles sons, cada um a seu modo, provocaram em mim a mesma sensação de estranha angústia. Especialmente *os salgueiros*. Ali estavam, sempre sussurrando, como se falassem entre si, como se rissem, por vezes como se chorassem um pranto agudo, ou ainda como se suspirassem. Mas fosse o que fosse, a verdade é que aqueles murmúrios pertenciam à vida secreta da planície por eles habitada. Um lugar completamente alheio ao mundo que eu conhecia, alheio mesmo aos elementos que, embora ferozes, eram amistosos. Os salgueiros, ao contrário, me faziam pensar em seres vindos de um outro plano de vida, de uma outra evolução, talvez, discutindo entre si mistérios que só eles conheciam. Observei-os juntos, sacudindo as cabeças, em meio ao tilintar daquela miríade de folhas, mesmo que não houvesse vento. Eles se moviam por força própria, como se estivessem vivos. E eram capazes de tocar dentro de mim, por um método incalculável, o cerne de um sentimento chamado *terror*.

Lá estavam, sob o luar, como um vasto exército cercando nosso acampamento, balançando desafiadoramente milhares de lanças, prontos para o ataque.

A psicologia dos lugares, pelo menos para algumas imaginações, é muito

vívida. Para o viajante, especialmente, cada acampamento tem seu “tom”, que pode significar boas-vindas ou rejeição. É algo que nem sempre se nota de imediato, quando se está ocupado na preparação da tenda ou do jantar, mas assim que tudo se acalma — geralmente depois da comida —, ele se apresenta. E o tom desse acampamento cercado de salgueiros agora já não deixava dúvidas: éramos intrusos, invasores. Não éramos bem-vindos. A sensação de rejeição crescia à medida que eu continuava ali, observando. Havíamos tocado a fronteira de uma região que se ressentia de nossa presença. Por uma noite talvez pudéssemos ser tolerados. Mas se tentássemos ficar mais tempo e descobrir coisas — não! Por todos os deuses das florestas e dos descampados, não! Éramos a primeira influência humana a conspurcar aquela ilha, e não nos queriam ali. *Os salgueiros estavam contra nós.*

Esses estranhos pensamentos, tais fantasias loucas, nascidas não sabia de onde, tomavam minha mente enquanto permanecia parado, à escuta. O que acontecia, pensava, se afinal os salgueiros mostrassem que estavam mesmo vivos? E caso subitamente se erguessem, como uma multidão de criaturas, e marchassem em nome dos deuses cujo território havíamos invadido, e nos cercassem vindos de toda a vastidão do pântano, bramindo sobre nós em meio à noite até nos alcançar? Enquanto olhava, já começava a imaginar que de fato se moviam, que chegavam mais perto, para em seguida recuar um pouco, voltando a reunir-se em uma enorme massa hostil, esperando o grande vendaval que por fim iria dar a ordem para que se pusessem em marcha. Eu poderia jurar que o aspecto deles se modificava um pouco, que as fileiras se tinham tornado mais densas e que se fechavam sobre mim.

O canto estridente e melancólico de um pássaro noturno soou em cima de minha cabeça e por um momento quase perdi o equilíbrio quando o banco de areia sobre o qual me encontrava fendeu-se e, com estrondo, desabou no rio, levado pela correnteza. Dei um passo atrás no instante exato e segui caminho, em busca de lenha, já quase rindo das fantasias tolas que tinham povoado minha mente, impressionando-me. Lembrei do que o Sueco dissera sobre ir embora no dia seguinte e estava justamente pensando em como concordava com isso quando me virei e dei com ele, objeto de meu pensamento, parado à minha frente. Estava bem próximo. Mas o ruído dos elementos havia encoberto sua aproximação.

— Você demorou tanto — gritou, tentando sobrepujar o vento — que pensei que tivesse acontecido alguma coisa!

Mas havia algo em seu tom de voz, e também na expressão de seu rosto, que ia além daquelas palavras. E num segundo compreendi a verdadeira razão por que viera me procurar. A magia do lugar penetrara sua alma, também, e ele não queria ficar sozinho.

— O rio não para de subir — continuou, apontando a correnteza, sob a lua.

— E o vento está terrível.

Ele sempre dizia as mesmas coisas mas, daquela vez, a necessidade de companhia importava mais do que as palavras.

— Ainda bem — gritei de volta — que nossa barraca está num rebaixado. Acho que vai aguentar bem.

Para explicar minha ausência prolongada, comentei alguma coisa sobre a dificuldade de encontrar lenha, mas o vento levou minhas palavras para longe e ele não pôde ouvi-las, fazendo apenas um gesto com a cabeça que queria dizer sim.

— Vai ser uma sorte se conseguirmos sair daqui sem uma desgraça — gritou em seguida.

Isso ou alguma coisa parecida. Lembro-me de ter sentido raiva por ele ter posto em palavras aqueles pensamentos porque era exatamente o que eu sentia. Havia uma desgraça pairando no ar e pressentimento ruim parecia colocar-se à minha pele.

Voltamos para junto da fogueira e avivamos o fogo mais uma vez, juntando as brasas com os pés. Demos uma última olhada em torno. Se não fosse pelo vento, estaria fazendo calor demais.

Disse isso ao Sueco e sua resposta me chamou atenção: ele falou que teria preferido o calor, o clima normal de julho em vez daquele “vento diabólico”.

Estava tudo arrumado para o pernoite: a canoa, emborcada ao lado da barraca, com os dois remos amarelos embaixo dela: o saco de provisões pendurado num dos salgueiros e os pratos, lavados, secando a uma distância segura do fogo, tudo pronto para a refeição da manhã.

Abafamos as brasas com areia e entramos. A janela da barraca estava levantada e, através dela, eu via as folhagens, as estrelas e o luar. Os salgueiros inquietos e as pesadas lufadas de vento contra nossa pequena tenda são as últimas coisas que me lembro antes que o sono descesse sobre mim, tudo cobrindo com sua bruma de esquecimento, suave e deliciosa.

## CAPÍTULO II

---

DE REPENTE, LÁ ESTAVA, desperto, deitado em meu colchão sujo de areia, espiando através da janela da barraca. Olhei o relógio espetado na lona e vi, com a ajuda do luar, que passava um pouco da meia-noite — o começo de um novo dia — e que, portanto, dormira cerca de duas horas. A meu lado, o Sueco, imóvel, continuava adormecido. O vento uivava como antes. E em meu coração havia um peso — eu estava com medo. Alguma coisa perturbadora estava acontecendo ali.

Ergui-me e olhei para fora. As árvores balançavam com violência, batidas pelas lufadas, mas nosso pedacinho de lona verde, armado na areia côncava, estava seguro. O vento passava por ele sem obter resistência e, com isso, não se tornava hostil. Mas o sentimento de inquietação continuou e, devagar, engatinhei para fora da tenda a fim de ver se nossos pertences estavam no lugar. Movime lentamente para não acordar meu amigo. Estava tomado por uma estranha excitação Já estava com parte do corpo do lado de fora, ainda de quatro, quando meus olhos se fixaram no topo dos arbustos bem à minha frente e perceberam que, com o movimento do trançado das folhas, eles formavam figuras recortadas contra o céu. Sentei-me e observei melhor. Era incrível, mas ali, diante dos olhos, acima de minha cabeça, via formarem-se estranhas figuras por entre as folhagens dos salgueiros e, à medida que os galhos eram mexidos pelo vendaval, elas pareciam agrupar-se, traçando ferfis monstruosos que no segundo seguinte desapareciam sob o luar. As figuras se delineavam a menos de quinze metros de onde eu estava.

Meu primeiro impulso foi o de acordar meu amigo, para que ele também pudesse ver o que eu via, mas algo me fez hesitar — talvez a constatação de que a cumplicidade naquele caso não seria bem-vinda. Nesse meio-tempo, permaneci sentado, os olhos bem abertos, enquanto observava o fenômeno, hipnotizado. Estava completamente desperto. Lembro-me de ter dito a mim mesmo que *não estava* sonhando.

Primeiro as estranhas figuras se tornaram bem visíveis, no alto das copas dos salgueiros — imensas, cor de bronze, movendo-se de forma totalmente independente do balanço dos galhos. Eu as via perfeitamente e notei, agora que as examinava com mais calma, que eram muito maiores do que um homem, havendo em sua aparência alguma coisa a não deixar dúvida de que eram *sobrenaturais*. Com toda certeza não eram resultado do balanço das folhagens sob a luz da lua.

Tinham vida própria. Subiam num fluxo contínuo em direção ao céu, desaparecendo assim que tocavam o firmamento escuro. Entrelaçadas, formavam uma coluna e eu podia ver seus membros e corpos gigantescos fundindo-se uns nos outros, criando um alinhamento que serpenteava, curvava-se, retorcia em espiral, junto com as contorções das árvores batidas pelo vento. Eram formas nuas, fluidas, que passavam pelos arbustos, que *através* das folhas, uma torre viva que subia rumo ao infinito. Não pude ver seus semblantes. Derramavam-se no céu sem cessar, oscilando em grandes curvas, a pele de seus corpos recoberta por sutis matizes de bronze.

Eu continuava observando, obrigando cada átomo de meus olhos a fixar-se na visão extraordinária. Por muito tempo pensei que a qualquer momento desapareceriam, fundindo-se no movimento dos galhos e provando que tudo não passara de ilusão de ótica. Por toda parte buscava provas de que aquilo era verdadeiro, mas logo compreendi que os parâmetros de realidade se tinham modificado. Pois, quanto mais se olhava, mais certo ficava de que aquelas criaturas eram reais e vivas, embora talvez impossíveis de ser captadas por uma câmera ou pelo instrumento de um cientista.

Longe de ter medo, eu estava possuído por uma sensação de enlevo e respeito, como jamais sentira antes. Era como se olhasse para a personificação das forças elementares que assombravam aquele lugar primitivo. Nossa presença havia desencadeado a movimentação daqueles poderes. Nós éramos o elemento perturbador. E meu cérebro parecia prestes a explodir, repleto de histórias e lendas de espíritos e divindades adoradas pelo homem em todas as eras da história da humanidade.

Mas, antes que pudesse encontrar uma explicação para o que acontecia, alguma coisa me fez irar em frente e, rastejando na areia, ergui-me. Senti o calor do chão sob os pés descalços; o vento açoitava meu rosto, meus cabelos; e o barulho ensurdecedor do rio me atingiu de chofre. Tais coisas, sabia, eram reais e provavam que meus sentidos reagiam normalmente. E contudo as figuras continuavam subindo ao céu, silentes, majestosas, numa imensa espiral de força e graça que por fim despertava em mim uma sensação de pequenez, um sentimento de verdadeira adoração. Senti vontade de ajoelhar-me e adorá-las — adorá-las, mais nada.

Mais um minuto que se passasse e provavelmente teria feito isso, não fosse por uma rajada de vento que me atingiu com tal força que me empurrou para o lado, quase me derrubando. Foi como se eu voltasse a mim. Alguma coisa se modificou em meu ponto de vista. As figuras ainda estavam lá, subindo ao infinito através do coração da noite, mas minha razão voltava a firmar-se.

Aquilo só podia ser uma experiência subjetiva — não menos real por causa disso, mas ainda assim subjetiva. A combinação da luz da lua e dos galhos havia desenhado aquelas sombras no espelho de minha imaginação, de alguma forma

projetando-as para o exterior, fazendo com que parecessem objetivas. Era isso, só podia ser isso. Eu fora vítima de uma curiosa, de uma vívida alucinação.

Tomei coragem e comecei a mover-me pelo caminho de areia. Meu Deus, pensava, seria tudo uma alucinação? Algo meramente subjetivo? Ou estaria minha razão apenas argumentando inutilmente, fincada nos estreitos padrões do conhecimento?

Eu só sabia que a coluna de figuras sombrias se erguia ao céu, por um tempo que me parecia muito longo, e com tal nitidez que qualquer um a teria considerado real. E então, subitamente, desapareceu!

E assim que se esvaneceu, com ela cessando num átimo toda a atmosfera onírica de sua presença, o medo me tomou por inteiro, num jato gelado. O sentido oculto daquela região solitária e assombrada penetrou de repente em mim, fazendo-me estremecer de pavor. Olhei em torno — um olhar de horror, quase em pânico —, tentando imaginar como fugir dali; e então, vendo que não teria como fazê-lo, arrastei-me silenciosamente de volta à barraca e deitei-me em meu colchão, baixando a cortina para não mais ver os salgueiros e a lua, e enterrando o rosto nas cobertas para amortecer o som do vento que me aterrorizava.

## CAPÍTULO III

---

TALVEZ PARA ME CONVENCER de que não havia sonhado, lembro-me de que demorei muito até finalmente mergulhar num sono inquieto e agitado. E, mesmo então, era um sono superficial, como se parte de mim permanecesse alerta, prestando atenção ao passar das horas.

Mas, da segunda vez que acordei, dei um pulo, movido pelo mais absoluto terror. Não fora o vento ou o rio que me haviam despertado e sim a lenta aproximação de algo que fora correndo aos poucos a porção de sono em que estava mergulhado até que ela desaparecesse por completo e eu me encontrasse erguido — e à escuta.

Ouvi nitidamente, vindo lá de fora, uma infinidade de pequenos ruídos. Eu sabia que aquele murmúrio vinha num crescendo há algum tempo e que, mesmo enquanto dormia, já o escutava.

Sentei-me, nervoso, como se não tivesse dormido nada. Respirava com dificuldade, sentindo um peso sobre mim. Apesar da noite quente, meu corpo estava coberto de suor frio e tremia. Alguma coisa parecia pressionar as laterais e ao alto de nossa barraca. Seria o corpo do vento? Ou o murmúrio da chuva caindo das folhas? Ou mesmo os jatos d'água erguidos pelo choque do vento com o rio, formando gotas gigantescas? Num segundo, pensei em várias possibilidades.

De repente, a explicação surgiu em minha mente: um galho do álamo, única árvore grande que havia na ilha, tinha sido arrancado pelo vento. Seguro apenas pelos outros galhos da árvore, cairia com a primeira com a primeira lufada mais forte e nos esmagaria. Eram suas folhas que farfalhavam e se agitavam acima da lona esticada da barraca. Ergui a porta da tenda e corri para fora, chamando o Sueco para que me seguisse.

Mas assim que me vi de pé do lado de fora percebi que nada ameaçava a barraca. Não havia qualquer galho pendurado. Nem chuva, nem jatos d'água. Não havia nada se fechando sobre nós.

Uma luz fria, acinzentada, deixava-se filtrar pelos arbustos e banhava a areia clara. As estrelas continuavam no céu e o vento uivava ainda, mas a fogueira se apagara de todo e vi, por entre as folhas, que a leste o céu começava a tingir-se de vermelho. Muitas horas se tinham passado desde que eu estivera ali olhando as estranhas figuras e a lembrança daquelas visões voltou em todo seu horror, como um sonho maldito. Sentia-me imensamente cansado com aquele vendaval que não cessava. E, contudo, apesar da lassitude de uma noite

mal dormida, meus nervos vibraram em permanente apreensão e a ideia de repouso nem passava por minha cabeça. O rio, notei, havia subido ainda mais. Seu troar enchia o ar e os vapores borrifavam minha camisa.

Mas não se via em volta qualquer sinal de alarme. A profunda e incessante inquietação que sentia continuava inexplicável para mim.

Meu amigo não havia acordado quando eu o chamara e não havia necessidade de perturbá-lo agora. Olhei em torno, cuidadosamente: lá estava a canoa emborcada; os remos amarelos — todos os dois, tenho certeza; o saco de provisões e a lanterna extra pendurados na árvore; e, por toda parte, envolvendo tudo, os salgueiros, a infindável multidão de salgueiros batidos pelo vento. Um pássaro soltou seu canto matinal e um bando de patos passou voando e grasnando na penumbra. A areia, agitada pelo vendaval, subia em rodamosinhos, seca, picando-me as pernas e os pés descalços.

Dei uma volta em torno da barraca e penetrei por entre os arbustos para olhar a paisagem que se descortinava para além do rio, mas tive a mesma sensação de angústia indefinível ao olhar o mar de salgueiros que se estendia até o horizonte, fantasmagóricos e irreais na luz pálida do amanhecer. Caminhei pé ante pé em várias direções, ainda tentando identificar o estranho murmúrio cuja pressão sobre nossa barraca me acordara. *Era* o vento, com certeza, pensei, o vento levantando a areia quente, cujos grãos chicoteavam a lona, o vento batendo incessantemente contra nosso abrigo frágil.

Mas meu nervosismo e meu desconforto continuavam crescendo.

Seguí até a margem mais distante e vi como a geografia do lugar fora alterada durante a noite, massas de areia tendo sido carregadas pela enchente. Mergulhei as mãos e os pés na água fria e molhei o rosto. Os primeiros raios de sol já se insinuavam no céu e com eles a extraordinária limpidez do dia que nascia. Na volta, passei de propósito junto aos mesmos salgueiros onde vira as colunas de figuras subindo ao céu e, em meio à mata, fui assaltado por um poderoso senso de terror.

Saído das sombras, tive a impressão de ver passar um gigantesco espectro. Sim, algo passara por mim, como faria uma criatura humana...

Uma lufada mais forte de vento como que me empurrou para a frente e, quando me vi novamente em espaço aberto, o terror que sentia diminuiu. O vento soprava em todas as direções, lembro de ter dito a mim mesmo, e os ventos se movem como grandes presenças quando atravessam as árvores. Além disso, o medo que sentia era tamanho e de tal natureza, um temor tão diverso de tudo o que jamais experimentara, que despertava em mim um sentimento de respeito, de adoração — e isso contrabalanceava seus piores efeitos. Quando cheguei a um ponto mais alto no centro da ilha, de onde se descortinava o rio tingido com o vermelho do amanhecer, a beleza mágica do lugar, de tão poderosa, fez nascer em mim uma força selvagem e tive vontade de gritar.

Mas o grito morreu em minha garganta, porque no instante seguinte meus olhos, percorrendo a planície e a ilha à minha volta e vendo a pequena mancha de nossa barraca em meio aos salgueiros, constataram algo terrível, uma descoberta comparada com a qual meu terror recente, com os espectros do vento, era nada.

Houvera uma mudança na paisagem. Não que dali de cima eu tivesse um diferente ponto de vista, mas sim uma alteração que afetara a relação entre nossa barraca e os salgueiros que a cercavam. Com toda a certeza, os arbustos agora estavam mais próximos — inexplicavelmente, ameaçadoramente próximos. *Eles estavam fechando o cerco.*

Caminhado devagar pelas areias mutantes, aproximando-se de forma imperceptível, com movimentos silenciosos e lentos, os salgueiros tinha chegado mais perto durante a noite. Teria sido o vento a movê-los ou teriam as árvores caminhado sozinhas? Lembrei-me do murmúrio crescente que pressionara a barraca e também meu coração, fazendo-me acordar apavorado. Por um momento, oscilei ao vento como uma árvore, mal podendo equilibrar-me no alto do monte de areia onde estava. Tinha diante de mim uma evidência de ação pensada, de deliberada intenção, de agressiva hostilidade, e aquilo me aterrorizava a ponto de não conseguir mover um músculo.

Mas logo veio a reação, rápida. A ideia era tão improvável, tão absurda, que quase explodi numa gargalhada. Mas a gargalhada poderia ser um grito, pois saber que minha mente estava tão receptiva àquelas perigosas fantasias trouxe-me a terrível constatação de que seria através da mente, e não do corpo físico, que se daria, que se dava, o ataque.

O vento soprou à minha volta e o sol, com grande rapidez, surgiu no horizonte, pois deveriam ser mais de quatro horas e lá estava eu, há mais tempo do que imaginava no alto daquele monte, com medo de descer e atravessar os salgueiros. Voltei pé ante pé para a barraca, dando antes de mais nada uma cuidadosa olhada a minha volta — sim, confesso — para fazer algumas medições. Com passadas na areia, marquei a distância entre os salgueiros e a tenda, prestando atenção em qual era o ponto de maior proximidade.

Em seguida me enfié sob as cobertas, quieto. Meu amigo, ao que parecia, dormia profundamente e fiquei aliviado em constatar isso. Se não houvesse testemunhas para minhas experiências, talvez encontrasse força para negá-las. Com o dia claro, poderia convencer a mim mesmo de que tudo não passara de alucinação, uma fantasia da noite, projeções de minha imaginação excitada.

Nada mais aconteceu que me perturbasse e cáí no sono quase que instantaneamente, exausto, embora ainda com medo de ouvir os murmúrios noturnos ou a pressão no coração que quase me sufocara.

## CAPÍTULO IV

---

O SOL IA ALTO NO CÉU quando meu amigo me acordou de um sono profundo, anunciando que o mingau estava pronto e que era hora do banho matinal. Um cheiro delicioso de bacon frito chegou até a barraca.

— O rio continua subindo — disse ele — e várias ilhas desapareceram. Nossa ilha diminuiu muito.

— Sobrou lenha? — perguntei, sonolento.

— A lenha e a ilha vão acabar juntas, amanhã — respondeu o Sueco, rindo. — Mas o que resta é suficiente para nos sustentar até lá.

Mergulhei da ponta da ilha, que de fato havia mudado em tamanho e formato ao longo da noite, e num instante fui levado pela corrente até o ponto em que atracáramos, em frente à barraca.

A água estava gelada e as margens passavam por mim como as imagens através da janela de um trem. Mergulhar assim era divertido e logo o terror da noite desaparecera por completo, evaporando-se de meu cérebro. O sol estava quente; não havia uma só nuvem no céu; mas o vento continuava soprando com a mesma força de antes.

De repente, dei-me conta do significado implícito das palavras do Sueco, mostrando que ele não pretendia partir imediatamente, que mudara de ideia. “Suficiente para durar até amanhã” queria dizer que, para ele, passaríamos mais uma noite na ilha. Achei aquilo estranho. Na noite anterior estava decidido a ir embora logo. Por que a mudança?

Enquanto tomávamos café, vários pedaços das margens eram arrastados, levantando nuvens d’água que, com o vento, borrifavam nossa frigideira, ao mesmo tempo que meu amigo falava sem parar na dificuldade que os navios da rota Viena-Budapeste deviam ter para encontrar o leito do canal com uma cheia daquelas. Mas o estado de espírito dele me interessava mais do que as condições do rio e as dificuldades dos navios. Ele mudara em relação à noite anterior. Seu jeito estava diferente — um pouco eufórico, um pouco retraído, havendo em seu tom de voz e em seus gestos qualquer coisa que indicava desconfiança. Não sei bem como descrevê-lo agora, a sangue-frio, mas naquele momento lembro-me de ter tido uma certeza: ele estava com medo. Comeu pouco no café da manhã e, pela primeira vez, não fumou seu cachimbo. Abriu o mapa diante de si e começou a estudá-lo.

— Acho bom sairmos daqui a uma hora — disse eu, tentando abrir caminho para que ele afinal dissesse o que sentia.

E a resposta me intrigou: — Claro! Se eles deixarem.

— Eles, quem? Os elementos? — perguntei, rápido, fingindo desconfiança.

— Os poderes deste lugar horrendo, sejam eles quem forem — respondeu o Sueco, sem tirar os olhos do mapa. — Os deuses estão aqui, se é que estão em algum lugar do mundo.

— Os elementos são sempre os verdadeiros imortais — respondi, rindo da forma mais natural possível, mas sabendo muito bem que meu rosto refletia o que de fato sentia.

Foi quando o Sueco me olhou com gravidade e, através da fumaça, disse: — Só com muita sorte vamos conseguir sair daqui sem enfrentar mais desgraça.

Era o que eu temia, sabendo que já não poderia evitar uma pergunta direta. Era como dar permissão ao dentista para que me arrancasse um dente. A hora chegara e o resto era tudo fingimento.

— Mais desgraça! Por quê? O que aconteceu?

— É simples: o remo-guia desapareceu — respondeu o Sueco, com voz mansa.

— O remo-guia desapareceu? — repeti, apavorado, porque aquele remo era nosso leme e navegar o Danúbio naquela cheia sem um leme era suicídio. — Mas o que...

— E tem um rombo no casco do barco — continuou o Sueco, com um tremor na voz.

Fiquei ali olhando para ele, repetindo suas palavras como se fosse um tolo. Ali, sob o calor do céu, sobre a areia quente, senti uma atmosfera gelado nos envolver. Ergui-me e o seguí, porque ele apenas assentira e caminhava em direção à barraca, em frente à fogueira. A canoa estava lá, no mesmo lugar em que a vira de noite, com o casco virado para cima e os remos, ou melhor, *um* remo, ao lado dela, na areia.

— Só restou um — disse o Sueco, abaixando-se para apanhá-lo. — E aqui está a brecha no fundo do barco.

Estive a ponto de dizer a ele que, com toda certeza, vira *os dois* remos poucas horas antes, mas um segundo impulso me fez pensar melhor e fiquei calado. Cheguei mais perto para olhar.

Havia uma longa fenda no fundo do barco, de onde uma tira de madeira havia sido nitidamente retirada; era como se uma pedra pontiaguda ou um galho submerso tivesse arrancado a tira de fora a fora. Examinando melhor, vimos que o rombo rompera o fundo. Se tivéssemos partido sem observá-lo, na certa teríamos afundado. No início, a madeira incharia, fechando a fenda, mas assim que estivéssemos em plena correnteza a água começaria a penetrar no barco e este, com menos de 30 cm acima da linha-d'água, afundaria rapidamente.

— Aí está, uma tentativa de preparar uma vítima para o sacrifício — disse o Sueco, mais para si mesmo do que para mim. — As vítimas, aliás.. —

acrescentou, enquanto, agachado, passava a mão pela fenda.

Comecei a assobiar — coisa que sempre faço quando estou meio confuso —, sem prestar muita atenção ao que ele dizia. Estava decidido a encarar aquelas palavras como uma tolice.

— Não estava aqui ontem à noite — disse ele sem me olhar, levantando-se depois de examinar o barco.

— Com certeza foi na hora que atracamos — retruquei, parando de assobiar. — As pedras são muito pontiagudas...

Parei de subido, pois ele acabava de virar-se e me encarar. Sabia tão bem quanto ele que minha expedição era implausível. Para começar, não havia pedras.

— E há uma coisa para ser explicada — continuou ele, me entregando o remo e apontando a ponta da pá.

Uma nova e estranha emoção tomou conta de mim, gelando-me os ossos, enquanto a examinava. A lâmina da pá estava gasta, perfeitamente gasta, como se alguém, como se alguém a tivesse lixado com cuidado, tornando-a tão fina que ao primeiro movimento mais vigoroso o remo se teria partido pelo cabo.

— Um de nós andou durante o sono e fez isto — disse eu, a voz trêmula —, ou então... ou então foi o açoite constante da areia e do vento, talvez.

— É — disse o Sueco, virando-se e rindo —, você tem explicação para tudo.

— Foi o vento, também, que carregou o remo até junto à margem e, dali, ele foi levado pela correnteza junto com um naco de terra que se desprende — continuei, gritando enquanto ele se afastava, decidido que estava a encontra uma explicação para tudo.

— Sei — gritou de volta, virando-se para me olhar antes de desaparecer em meio aos salgueiros.

Assim me vi sozinho, diante daqueles indícios incríveis de ação deliberada, meu primeiro pensamento foi: “Um de nós dois fez isto e com certeza não fui eu.” Mas meu segundo pensamento foi o de que era impossível acreditar, sob qualquer circunstância, que um de nós fosse o responsável. Não podia crer, nem por um segundo, que meu amigo, em que confiava, companheiro de mais de dez expedições como aquela, pudesse conscientemente ter feito aquilo. Igualmente absurda era a hipótese de que ele, com sua natureza imperturbável e sem imaginação, tivesse de repente perdido a razão e se ocupasse com tais propósitos insanos.

Contudo, o que mais me perturbava, mantendo vivo o frio do medo mesmo sob o esplendor de todo aquele sol, era a certeza de que uma estranha mudança se operara na *mente* do Sueco: ele estava nervoso, quieto, desconfiado, consciente de coisas sobre as quais nada dizia, observando uma série de eventos secretos, que até então não mencionara — numa palavra, aguardando um

desfecho que se daria, e se daria em breve. Essa impressão cresceu dentro de mim de forma intuitiva, sem que eu soubesse explicar como.

Observei a barraca e seus arredores, mas as medidas que fizera à noite eram as mesmas.

Grandes buracos se tinham formado na areia — notei naquele momento pela primeira vez —

semelhante a bacias, de tamanhos e profundidades diversos, variando da dimensão de uma xícara para a de uma tigela grande. O vento, sem dúvida, era o responsável por essas pequenas crateras, assim como o fora pelo sumiço do remo, jogado n'água. O rombo na canoa era a única coisa inexplicável; mas, afinal, era possível que qualquer coisa pontiaguda tivesse *mesmo* atingido o casco quando atracávamos. Examinei bem a margem e não encontrei nada que comprovasse essa teoria, mas continuei me agarrando a ela com a porção cada vez menor de minha consciência à qual chamava “razão”. Eu precisava de uma explicação qualquer, assim como é preciso buscar um sentido para o universo — por mais absurdo —, para tornar felizes aqueles que encaram a labuta diária e os problemas da vida. A comparação me pareceu perfeita naquele momento.

Imediatamente, botei o piche para derreter e logo o Sueco veio me ajudar, embora estivesse claro que, mesmo na melhor das hipóteses, o barco só estaria em condições de navegar no dia seguinte. Mostrei-lhes as crateras na areia.

— É — disse ele. Eu sei. A ilha está coberta delas. Mas na certa *você* tem uma explicação para isso também!

— O vento, claro — respondi, sem hesitar. — Você nunca reparou nos rodadoiros que o vento faz nas ruas, carregando tudo numa espiral? A areia aqui é bem seca e solta. É isso.

Ele não respondeu e continuou trabalhando, quieto. Todo o tempo, eu o espiava com o canto do olho, tendo a sensação de que ele me observava também. Dava a impressão de estar sempre ouvindo alguma coisa que eu não conseguia escutar ou parecia à espera de algum ruído, pois virara a cabeça e olhava em torno, perscrutando os arbustos, depois o céu e em seguida o rio, nos trechos em que este era visível através dos salgueiros. Às vezes chegava mesmo a pôr a mão em concha em torno do ouvido, mantendo-se ali por vários minutos. Mas não comentava nada comigo, nem eu fazia perguntas. E, enquanto o observava consentando o barco, com a destreza e a habilidade de um velho índio, sentia-me bem em vê-lo tão absorto no trabalho, pois temia que ele viesse a falar na modificação observada nos salgueiros. Se tivesse notado *aquilo*, minha imaginação já não poderia sustentar uma explicação para o que acontecia.

Até que, depois de um longo silêncio, ele começou:

— Coisa estranha... — disse, falando rápido, como se quisesse dizer logo alguma coisa e se livrar da ideia. — Coisa estranha aquela lontra que vimos ontem.

Eu esperava um comentário tão diferente que a frase me pegou de surpresa e olhei, sério.

— É uma prova da solidão deste lugar. As lontras geralmente se escondem e...

— Não foi isso que quis dizer — interrompeu o Sueco. — O que quis dizer é que, você acha... você acha *mesmo* que era um lontra?

— O que mais poderia ser, pelo amor de Deus?

— Você sabe, eu vi primeiro e no início parecia *tão maior* do que uma lontra.

— Como olhávamos rio acima, a luz do sol deve tê-la ampliado ou algo assim.

Ele me fitou com um olhar vago, como se sua mente estivesse ocupada com outros pensamentos.

— Tinha aqueles incríveis olhos amarelos — continuou, como para si mesmo.

— Foi o sol, também — respondi, dando uma risada. — Aposto que agora você vai começar a pensar ser aquele homem do barco...

Decidi não continuar a frase. O Sueco estava parado outra vez, à escuta, olhando na direção do vento, e alguma coisa em sua expressão me fez calar. O assunto morreu e ele continuou a consertar o rombo do barco. Pensei que sequer tivesse ouvido o que eu dissera. Mas, cinco minutos depois, ele me olhou, o rosto grave, enquanto segurava o piche fumegante.

— Para ser sincero, *pensei mesmo* — disse, devagar — no que seria aquela coisa no barco. Lembro que na hora achei que não podia ser um homem. Ele pareceu surgir de repente, como se emergisse da água.

Caí na risada, mas desta vez não sentia apenas impaciência e sim uma pontada de raiva.

— Escuta aqui! — gritei. — Este lugar já é estranho o suficiente sem que precisemos ficar imaginado coisas! É claro que aquele barco era um barco comum e que o homem que estava dentro era apenas um homem, e que ambos estavam descendo rio abaixo a toda velocidade. E a lontra era uma lontra, sim, por isso vamos parar de bancar os bobos!

Ele me olhou sem piscar, com a mesma expressão grave de antes. Não parecia contrariado.

Seu silêncio me encorajou.

— E, por favor — continuei —, pare de fingir que está ouvindo coisas porque isso me dá nos nervos, e não há nada para se ouvir além do rio e do maldito barulho do vento!

— Seu idiota! — ele reagiu afinal, a voz entrecortada. — Seu grande idiota! É exatamente assim que todas as vítimas falam. Como se não soubesse tão bem quanto eu! — Havia desdém em sua voz, mas também um toque de resignação:

— A melhor coisa a fazer é você calar a boca e tentar manter a mente firme. Essa tentativa de ficar se enganando só vai tornar a verdade ainda mais dura quando chegar a hora de encará-la.

Entreguei os pontos e não falei mais nada, porque sabia muito bem que ele estava certo — e que idiota era eu, não ele. De certa forma ele estava à minha frente e acho mesmo que eu me aborrecia com minha própria ignorância, como se fosse menos sensível diante dos acontecimentos extraordinários que nos cercavam e não pudesse entender bem o que se passava. O fato é que não conseguia compreender o que ele dizia sobre a necessidade de haver uma vítima e sobre nós dois sermos os candidatos a preencher o papel. E, daquele momento em diante, parei de fingir, o que só fez aumentar ainda mais o medo que sentia.

— Mas você está certo num ponto — disse ainda o Sueco. — É melhor não falar no assunto, nem mesmo pensar nele. Porque, aquilo que pensamos, acabamos dizendo. E o que dizemos, acontece.

Enquanto o casco do barco secava e endurecia, passamos a tarde tentando pescar, testando o remendo, apanhando lenha e observando a cheia avassaladora. Toras de madeira desciam com a enxurrada e tentávamos fisgá-las com galhos mais longos de salgueiros. Nossa ilha diminuía de tamanho a olhos vistos, à medida que as margens eram carregadas pela força do rio, com grande estrondo. O tempo continuou claro até as quatro da tarde quando, pela primeira vez em três dias, o vento deu os primeiros sinais de que ia diminuir. Nuvens começaram a formar-se a sudoeste, dali espalhando-se lentamente por todo o céu.

O abrandar do vento trouxe uma sensação de enorme alívio, já que o ruído incessante, o troar, os baques e estrondos, nos davam nos nervos. Mas o silêncio que desceu sobre nós lá pelas cinco da tarde foi, devo admitir, de certa forma opressivo. Os barulhos do rio eram muito peculiares: enchiam o ar de murmúrios profundos, mais musicais que o ruído do vento, só que infinitamente mais monótonos. O vento trabalhava com múltiplos tons, subindo e descendo, produzindo uma espécie de melodia; enquanto o rio se mantinha entre três notas a maior parte do tempo — notas de pedal, abafadas, graves, de uma tonalidade lúgubre que inexistia no vento e que a mim pareceram, para meus nervos tensos, a música do Juízo Final.

Foi extraordinário notar, também, como a luz do dia, ao partir, levou consigo toda a alegria do lugar. E, tendo a região já apresentado antes a sugestão de lago sinistro, a mudança, é claro, foi ainda mais visível e maléfica. Para mim, o escurecer foi um sinal de alarme e logo flagrei-me calculando quantas horas depois do pôr-do-sol a lua surgiria no horizonte, a lesta, e se o céu nublado impediria que o luar iluminasse a ilha.

Com o vento reduzido a um murmúrio — embora, às vezes, soprasse em breves espasmos —, o rio tornou-se aos meus olhos ainda mais negro, enquanto

os salgueiros se adensavam. Estes últimos pareciam mover-se independentemente do vento, agitando-se quando não havia qualquer lufada, estremeçando das raízes para cima. Quando objetos do cotidiano são marcados por uma sugestão de horror, estimulam a imaginação mais do que os objetos de aparência estranha. E ali, os arbustos, cercando-nos, assumiam, à medida que escurecia, a aparência grotesca de criaturas vivas.

Sua banalidade, eu sentia, mascarava as forças malignas e hostis que se voltariam contra nós. As forças do lugar aproximando-se cada vez mais com o cair da noite, concentrando-se em nossa ilha, em nós. Pois era assim, em termos de imaginação, que se apresentavam minhas sensações naquele lugar extraordinário.

Dormira bastante no início da tarde, recuperando-me da exaustão provocada pela noite inquieta, mas isso só servia para me deixar ainda mais suscetível à magia obsessiva daquela região assombrada. Tentava evita-la, rindo de meus sentimentos e encarando-os como criancice sem sentido, apresentando explicações óbvias e físicas para tudo e, no entanto, a sensação crescia dentro de mim, fazendo com que temesse a chegada da noite como um menino perdido na floresta.

De dia, a canoa fora cuidadosamente coberta com um impermeável e o remo que restava fora amarrado pelo Sueco na base de uma árvore, para que o vento não o carregasse como fizera com o outro. A partir das cinco da tarde, ocupei-me com a panela e os preparativos para o jantar, já que naquela noite era minha vez de cozinhar. Tínhamos batatas, cebolas, pedaços de bacon que usávamos para dar mais sabor à comida e um resíduo indefinido dos cozidos anteriores que ficara no fundo da panela; adicionando pedaços de pão preto, o resultado era muito bom, seguido de um doce de ameixa e de uma bebida composta de chá bem forte e leite desidratado. Havia uma boa pilha de lenha à mão e, sem vento, meu trabalho tornava-se fácil. Meu amigo observava tudo preguiçosamente, dividindo sua atenção entre limpar o cachimbo e ficar dando palpite — privilégio concedido àqueles que estão de folga. Ele estivera calado por toda a tarde, ocupado em consertar a canoa, em reforçar as cordas da barraca e em pescar toras de madeira, enquanto eu dormia. Não voltáramos a conversar sobre assuntos desagradáveis e acho que seu único comentário havia sido sobre a destruição gradual da ilha, que segundo ele já estava com um terço do tamanho de quando chegáramos.

O cozido começava a borbulhar quando ouvi sua voz me chamando da margem, para onde tinha ido sem que eu notasse. Corri até lá.

— Venha ouvir — disse ele — e vamos ver o que você me diz disso. — Tinha a mão em concha ao redor do ouvido, como fizera outras vezes.

— *Agora* você está ouvindo? — perguntou, olhando-me com curiosidade.

Ficamos ali por um instante, escutando com atenção. Primeiro ouvi apenas

a nota grave das águas e os salvos que se erguiam da superfície turbulenta. Os salgueiros, pela primeira vez, pareciam imóveis e silenciosos. Até que um som, fraco, chegou a meus ouvidos. Um som peculiar — semelhante ao ruído de um gongo distante. Parecia vir em nossa direção através da escuridão de pântanos e salgueiros da margem oposta. Repetia-se a intervalos regulares, mas com toda a certeza não era nem um sino nem o apito de um navio distante. Não saberia compara-lo a nada a não ser ao som de um gigantesco gongo, suspenso no céu muito longe dali, repetindo incessantemente sua nota metálica e abafada, suave e musical, à medida que era batido. Meu coração acelerou-se.

— Eu ouvi o dia inteiro — disse meu amigo. — Enquanto você dormia, hoje à tarde, a ilha foi tomada por ele. Tentei descobrir de onde vinha, mas não conseguia chegar perto, nem precisar sua localização. Às vezes parecia estar em cima de minha cabeça, poderia jurar que o som não acontecia do lado de fora e sim *dentro de mim*, como um som quadridimensional.

Eu estava intrigado demais para prestar atenção nas palavras do Sueco. Ouvi atentamente, lutando para associar o barulho a algum som familiar, mas sem sucesso. Mudava de direção, também, chegando mais perto para em seguida desaparecer quase que completamente na distância.

Não diria que parecesse agourento, porque para mim era nitidamente musical, mas devo admitir que aos poucos provocou o crescimento de uma angústia, que logo me fez desejar nunca tê-lo escutado.

— Talvez seja o vento batendo naqueles funis de areia — arrisquei, decidido a encontrar uma explicação —, ou a fricção das folhas, passado o vendaval.

— Vem de todo o pântano — disse meu amigo. — Vem de toda parte ao mesmo tempo. — Ele ignorava minhas explicações. — Vem dos salgueiros, de certa forma...

— Mas agora o vento parou — aleguei. — Os salgueiros não podem fazer ruído por si próprios, podem?

A resposta dele me deu medo, primeiro porque a temia e segundo porque sabia, intuitivamente, que ele estava certo.

— É *justamente* porque o vento parou que podemos ouvir o som. Antes, estava sufocado. Acho que é o grito...

Corri para junto do fogo, alertado por um ruído de borbulhas, na certeza de que o jantar corria perigo, mas na verdade o que queria mesmo era fugir daquela conversa. Estava, decidido, se possível, a evitar qualquer troca de pontos de vista. Temia, também, que ele fosse recomeçar com a conversa sobre os deuses, as forças primitivas ou qualquer outro assunto inquietante, pois sabia que precisava manter-me firme para enfrentar os acontecimentos futuros. Tínhamos uma noite pela frente antes de poder sair daquele lugar horrível e não sabíamos o que ela nos reservava.

— Venha cortar o pão para pôr no cozido — pedi ao Sueco, enquanto mexia

a mistura. A panela e seu conteúdo nos transmitiam uma sensação de normalidade e esse pensamento me fez rir.

Meu amigo se aproximou devagar e tirou o saco de provisões que estava pendurado na árvore, primeiro remexendo em seu interior e finalmente depositando-o no chão e esvaziando-o completamente.

— Vamos logo — gritei —, está fervendo!

Mas o Sueco explodiu num riso descontraído, que me espantou. Era um riso forçado, não de todo artificial, mas melancólico.

— Não tem nada aqui! — gritou, as mãos na cintura.

— É pão que estou pedindo.

— Sumiu. Não há mais pão. Eles levaram!

Larguei a colher comprida e corri. O conteúdo do saco fora todo despejado no chão e não havia um só pedaço de pão.

O peso de um terror crescente desceu sobre mim com um choque. E caí na gargalhada também. Era a única coisa a fazer: o som de meu próprio riso me fez compreender isso. A pressão física a que estávamos submetidos é que causara a explosão, aquele riso forçado, em nós dois; era a liberação de forças que lutavam para sair; uma temporária válvula de escape. E, de repente, o riso cessou.

— Que estupidez a minha! — gritei, afinal, numa última tentativa de buscar uma explicação. — Devo ter esquecido de comprar o pão em Pressburg. Aquela mulher que falava sem parar me esvaziou o cérebro e devo ter deixado o pão no balcão ou então...

— A aveja também está sumindo. Tem menos do que tinha de manhã — interrompeu o Sueco.

Por que diabo ele precisava dizer aquilo? Pensei, com raiva.

— Ainda dá para amanhã — retruquei, voltando a mexer o cozido —, e podemos comprar mais em Komorn ou em Gran. Em 24 horas, estaremos a quilômetros de distância daqui.

— Espero que sim. Juro por Deus que espero — resmungou ele, recolocando as provisões no saco. E, rindo, acrescentou: — A não ser que antes disso sejamos escolhidos como vítimas do sacrifício.

Em seguida, por segurança, acho, carregou o saco de provisões para dentro da barraca, enquanto continuava falando baixinho, tão baixo que decidi ignorar suas palavras.

Nosso jantar foi sombrio e quase não conversamos, evitando mesmo o olhar um do outro e mantendo o fogo bem vivo. Depois, lavamos a louça e começamos os preparativos para a noite mas, assim que nos sentamos para fumar, quando já não havia nada a fazer, desceu sobre mim de forma aguda o mesmo temor que sentira ao longo de todo o dia. Ainda não era um medo ativo, mas algo vago cuja origem me angustiava ainda mais. O som estranho que associara ao bater de um gongo tornara-se quase incessante, preenchendo a

quietude da noite com um bater fraco porém contínuo e não apenas com uma série de notas distintas. Às vezes estava atrás de nós, às vezes à frente. Ora parecia sair da mata de salgueiros à esquerda, depois vinha da imensidão de arbustos do outro lado.

Mas na maioria das vezes parecia mesmo pairar sobre nossas cabeças, como o roçar de asas. Estava de fato em toda parte ao mesmo tempo, atrás, na frente, dos lados e acima, envolvendo-nos completamente. Era um som difícil de descrever. Mas nada que eu ouvira se parecia com aquele martelar crescente e abafado que vinha da vastidão de pântanos e salgueiros.

Sentados, fumamos em silêncio, a tensão crescendo a cada minuto. O pior de tudo, para mim, é que não sabíamos o que esperar, sendo impossível portanto fazer qualquer preparativo de defesa. Não se podia antecipar nada. Minhas explicações, feitas durante o dia, agora me assustavam por sua inconsistência, ficando cada vez mais claro para mim que teria de enfrentar uma conversa com meu amigo. Afinal, teríamos de passar a noite juntos, dormir lado a lado na mesma barraca. Eu via que não poderia suportar por mais tempo sem contar com seu apoio racional e, para isso, conversar era imperativo. Mas adia o começo do assunto o mais que podia, tentando sorrir e ignorar as frases que ele murmurava de quando em quando.

Algumas dessas frases, porém, inquietavam-me como uma maldição, já que coincidiam com temores que eu próprio sentia: coincidências que — tornado tudo mais real — se manifestavam por um diferente ponto de vista. Ele dizia frases estranhas, expressando-as de forma desconexa, dando a impressão de que ele próprio desconhecia seu verdadeiro significado e soltava fragmentos que não conseguia digerir. Livrava-se de alguns pensamentos, pondo-os para fora, como um vômito. Falar aliviava-o.

— Há em nós alguma coisa que leva à desordem, à desintegração, à destruição, à autodestruição — disse, num dado momento, diante da fogueira que ardia. — Em algum ponto, nós cruzamos a linha de segurança.

Num outro instante, quando o som do gongo se tornara mais forte do que nunca, acima de nossas cabeças, ele pareceu falar sozinho: — Um fonógrafo não poderia reproduzir esse som. Ele não parece penetrar pelos ouvidos.

As vibrações me alcançam de outra forma, parecem estar dentro de mim, como um som quadridimensional.

Eu nada respondia e continuava ali, sentado junto ao fogo, olhando a escuridão em torno. As nuvens densas no céu e não havia sinal de lua. Tudo estava muito quieto e somente o rio e os sapos faziam seus ruídos.

— É isso — continuou ele — que o torna extraordinário. É *desconhecido*. Só há uma forma de descrevê-lo: não é um som humano. Não pertence à raça humana.

Tendo posto para fora essa porção indigesta, ficou quieto por um tempo;

mas expressava de forma tão admirável o que eu próprio sentia que foi um alívio ouvir aquilo, ter aquele pensamento confinado em palavras em vez de vê-lo vagar perigosamente dentro de mim.

A solidão daquele acampamento no Danúbio, como poderei um dia esquecer-la? A sensação de estar absolutamente só num planeta vazio! Meus pensamentos voavam em direção às cidades, com suas assombrações tão humanas. Teria dado minha alma, como se diz, pelo calor das cidades da Bavária que atravessáramos; pelos lugares humanos, comuns: camponeses bebendo cerveja, mesas por entre as árvores, sol a pino e um velho castelo na colina, pra além da igreja, com seu telhado vermelho. Até mesmo os turistas teriam sido bem-vindos.

E, contudo, o medo que sentia não era um simples medo de fantasmas. Era infinitamente maior e mais estranho, parecendo surgir de um senso de terror ancestral, muito mais perturbador do que qualquer outro temor que jamais tivera, mesmo em sonhos. Havíamos feito um “desvio”, como o Sueco dissera, e caímos numa região de enormes riscos, embora desconhecidos; uma região onde as fronteiras de um mundo misterioso estavam muito próximas. Um ponto dominado por habitantes do espaço, uma espécie de visor por onde eles espionavam a terra, às escondidas, um ponto em que era tênue a linha divisória entre os dois mundos. Se ficássemos por muito tempo mais, seríamos arrastados através da fronteira e privados daquilo que chamamos “nossa vida”, ainda que por um processo mental e não-físico. Nesse sentido, seríamos, como ele dizia, as vítimas de nossa aventura — as vítimas do sacrifício.

Aquilo nos atingia de forma diversa, cada um segundo a medida de sua própria sensibilidade ou poder de resistência. Eu o traduzia vagamente na personificação da fúria dos elementos, investindo-os com o horror de um propósito maléfico e deliberado, como se eles se ressentissem de nossa audaciosa intromissão. Já meu amigo tudo vira, num primeiro momento, com a invasão de uma espécie de santuário, um lugar ainda povoado pelos deuses da Antiguidade, onde a força daqueles que os adoravam permanecia. E a porção ancestral que havia nele curvava-se ante a magia pagã.

De qualquer forma, aquele era um luar intocado pelo homem, varrido por ventos que o mantinham virgem da influência humana, num local onde as forças espirituais estavam visíveis e agressivas. Nunca, antes ou depois, eu seria tomado por tamanha sensação de estar numa “região alienígena”, onde prevalecia outro tipo de vida, outra evolução, sem paralelo com a raça humana. E, por fim, nossas mentes sucumbiram sob o peso daquela magia terrível e seríamos tragados através da fronteira para o *outro mundo*.

Pequenos detalhes contribuía para reforçar essa curiosa influência do lugar e agora, no silêncio em torno do fogo, se faziam notar ainda com mais clareza. A própria atmosfera mostrara-se capaz de ampliar as coisas, distorcendo a

realidade: a lontra rolando na correnteza, o homem no barco fazendo sinais, os salgueiros mutantes, todos tinham sido roubados de seu caráter natural, deles revelando-se uma outra face — como se existissem do outro lado, para além da fronteira. E esses aspectos era lago novo não apenas para mim, mas para toda a raça. Toda a experiência cujo vértice tocáramos era desconhecida da humanidade. Era uma experiência única, onde cabia, mais do que nunca, a palavra *alienígena*.

— O propósito, a maneira deliberada, é o que mais apavora — disse o Sueco de repente, como se seguisse meus pensamentos. — Caso contrário, poderíamos atribuir à imaginação. Mas foi tudo, o remo, a canoa, a comida desaparecendo...

— Mas já não consegui explicar tudo? — insisti, por puro hábito.

— Explicou — respondeu ele, seco. — Explicou, com certeza.

Ainda fez outros comentários sobre o que chamou de “determinação em encontrar uma vítima”; mas eu, tendo organizado melhor meus pensamentos, percebi que era apenas o grito de alguém que estava com medo, sabendo-se atacado numa parte vital, temendo ser levado ou destruído. A situação exigia uma coragem e uma calma racional que nenhum de nós parecia ter. Eu nunca antes tive tão clara de estar partido em dois — uma parte tinha explicações para tudo, enquanto a outra, embora me pânico, ria das soluções tolas.

Enquanto isso, no negror da noite, o fogo morria lentamente e a pilha de lenha ia diminuindo. Nenhum de nós se movia para ir buscar madeira e a escuridão se fechava mais e mais sobre nós. A poucos metros do círculo iluminado pela fogueira, o escuro era total. De quando em quando, uma lufada de vento remexia os salgueiros, que murmuravam, mas, fora esse som, nada agradável, reinava um silêncio profundo e triste, quebrado apenas pelo gorgolejar do rio e pelo troar do gongo distante.

Nós dois sentíamos falta do canto feroz do vento.

A uma certa hora, quando uma lufada mais forte fez pensar que a ventania iria recomeçar, cheguei ao ponto de saturação, o ponto em que era absolutamente necessário buscar alívio na palavra, do contrário me trairia com alguma extravagância histérica cujo efeito seria ainda pior.

Chutei a fogueira, fazendo subir as chispas, e virei-me para o Sueco, que me olhou espantado.

— Chega de fingir — disse. — Não gosto deste lugar, desta escuridão, dos ruídos e dos sentimentos estranhos que eles provocam. Tem alguma coisa aqui capaz de me abalar profundamente. Estou apavorado, essa é que é a verdade. Se na outra margem fosse... diferente, juro que nadaria até lá!

O rosto do Sueco empalideceu, apesar do bronzeado obtido com tanto sol e tanto vento. Ele me olhou fixamente e respondeu baixinho, embora sua voz traísse uma excitação camuflada por aquela calma artificial. Por enquanto, de qualquer forma, ele era o mais forte de nós dois. Era o mais fleumático, pelo

menos.

— Não é uma questão meramente física, algo do qual possamos escapar correndo — disse, com o tom de um médico dando o diagnóstico a uma doença grave. — Precisamos é ficar quietos e esperar. Aqui perto há forças capazes de matar um bando de elefantes num segundo, com a mesma facilidade com que mataríamos uma mosca. A única chance que temos é ficar bem quietos. Nossa insignificância talvez possa nos salvar.

Dezenas de perguntas formaram-se em minha expressão, mas não encontrei palavras. Era exatamente como ouvir um diagnóstico preciso sobre sintomas que eu vinha sentindo.

— O que quero dizer é que até agora, embora estejam conscientes de nossa presença intrusa, eles ainda não nos *encontraram*. Não nos localizaram, como diriam os americanos — disse ele. — Estão farejando por toda parte, como homens buscando um vazamento de gás. O remo, a canoa e as provisões provam isto. Eles *sentem* nossa presença, mas não nos podem ver. Por isso, devemos manter nossas mentes quietas. Porque é nossa mente que eles sentem. Devemos controlar nossos pensamentos ou estaremos perdidos.

— Mortos, você quer dizer? — balbuciei, sentindo um sopro gelado me percorrer.

— Pior. Muito pior — respondeu ele. — A morte, dependendo da crença de cada um, significa aniquilamento ou libertação dos limites do corpo físico, mas não significa a mudança do eu. Você não se modifica porque seu corpo deixou de existir. Estou falando de uma alteração radical, uma mudança completa, um horrível perda de si próprio e sua substituição... o que é muito pior do que a morte ou o aniquilamento. Acampamos em um lugar onde a terra deles toca a nossa, um ponto em que é tênue a linha divisória entre os dois mundos — (horror dos horrores!, ele usava minhas próprias palavras, a mesma frase!) — , e, por isso, eles sabem que estamos por perto.

— Mas *quem* são eles? — perguntei.

Esqueci de tudo, do tremor dos salgueiros na noite sem vento, do som acima de nossas cabeças, de tudo, apenas à espera de uma resposta, que temia mais do que jamais conseguiria explicar.

O Sueco baixou a voz, curvando-se sobre o fogo. Seu rosto tinha uma expressão tão estranha que baixei os olhos, sem poder encará-lo.

— Por toda minha vida — disse ele — sempre tive consciência, de forma estranha e vívida, da existência de um outro mundo. Não muito distante do nosso, embora totalmente diverso, onde grandes acontecimentos têm lugar, onde personalidades imensas e terríveis se movimentam, centradas em vastos propósitos comparados com os quais nossas preocupações, a ascensão e a queda das nações, o destino dos impérios, o fim dos exércitos e dos continentes, tudo é apenas um grão de poeira. Vasto propósitos, quero dizer, que lidam diretamente

com a alma, não indiretamente com meras expressões da alma...

— Eu sugiro que... comecei, tentando faze-lo calar-se, sentindo-me como se estivesse diante de um louco.

Mas ele me sobrepuiu com a torrente de palavras que precisava ser despejada.

— Você pensa — disse — que são os espíritos dos elementos e eu cheguei a pensar que fossem deuses da Antiguidade. Mas ouça: não é uma coisa nem outra. Se fossem, seriam entidades reconhecíveis, relacionadas com o homem, dele dependendo para a adoração ou o sacrifício, quando, ao contrário, esses seres que estão atrás de nós não têm qualquer relação com a raça humana, sendo por mero acaso que, aqui neste lugar, o mundo deles toca o nosso.

A simples concepção daquelas palavras, ditas de forma que as tornava tão convincentes, enquanto eu as ouvia na solidão daquela ilha perdida, me fez estremeecer. Já não conseguia controlar meus próprios movimentos.

— E o que você propõe? — perguntei.

— Um sacrifício, uma vítima, talvez possa distraí-los enquanto escapamos — continuou o Sueco —, assim como os lobos que, devorando os cães, dão uma chance ao caçador em seu trenó. Mas... o problema é que não há nenhuma outra vítima por perto.

Eu o olhava, pasmo. O brilho em seu olhar era aterrador. Ele prosseguiu: — São os salgueiros, tenho certeza. Os salgueiros *mascaram* os outros, mas os outros começam a nos farejar. Se deixarmos que nossa mente denuncie o medo que sentimos, estaremos perdidos, completamente perdidos.

Ele me olhava com uma expressão tão calma, tão determinada e sincera, que eu já não podia pôr em dúvida sua sanidade. Ele estava mais lúcido do que qualquer homem em qualquer época.

— Se pudermos aguentar por uma noite — continuou, talvez, com o dia claro, possamos fugir sem ser notados, ou melhor, sem ser *descobertos*.

— Mas você acha mesmo que um sacrifício poderia...

O gongo soou forte acima de nossas cabeças, mas foi a expressão de medo no rosto de meu amigo que me fez calar.

— Psiu! — sussurrou, a mão erguida. — Não fale neles, a não ser que seja inevitável. Não se refira a eles pelo *nome*. Nomear é revelar: é a pista fatal e nossa única esperança está em tentarmos ignorá-los, para que nos ignorem também.

— Mesmo em pensamento?

Ele estava muito agitado: — Principalmente em pensamento. Nossos pensamentos formam espirais no mundo deles.

Se pudermos, devemos mantê-los *fora de nossas mentes* a todo custo.

Avivei o fogo para evitar que a escuridão aumentasse. Jamais em toda a vida ansiaria tanto pela luz do sol quanto ao negror daquela noite de verão.

— Você estava acordado na noite passada? — Indagou o Sueco de repente.

— Dormi um pouco quando anoiteceu, mas muito mal — respondi, de forma evasiva, pensando nas recomendações de meu amigo, que, intuía, estavam certas —, por causa, claro, da ventania...

— Eu sei. Mas nem todos os ruídos vinham do vento.

— Então você também ouviu?

— Aquele som múltiplo, com uma infinidade de pequenos passos, ouvi — disse ele, acrescentando, depois de um segundo de hesitação: — E também aquele outro som...

— Aquele acima da barraca, cuja pressão tinha algo de tremendo, de gigantesco?

Ele assentiu.

— Senti como se estivesse começando a sufocar — falei.

— De certa forma, sim. Pareceu-me que o peso da atmosfera havia sido alterado, havia crescido enormemente e que iria nos esmagar.

— E *isso*? — perguntei, decidido a ir até o fim e apontando para cima, de onde vinha o barulho do imenso gongo, aumentando e diminuindo como se fosse o vento. — O que você me diz disso?

— É o som *deles* — sussurrou o Sueco, o rosto grave. — É o som do mundo deles, o murmúrio dessa região desconhecida. Aqui, a linha divisória é tão fina que o som a trespassa. Mas se ouvir com atenção verá que não vem só de cima, o som nos envolve. Ele vem dos salgueiros. São os salgueiros que sussurram, porque aqui, neste lugar, os salgueiros se tornaram os símbolos das forças que estão contra nós.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas de alguma forma sabia que concordava.

Eu percebia o que ele percebia, apenas talvez com um menor poder de análise. Estava a ponto de contar-lhe sobre minha alucinação noturna e as figuras cor de bronze, quando de repente ele aproximou o rosto do meu, acima do fogo, e começou a falar baixinho, mas com muita determinação. Eu o admirava por sua calma e segurança, por seu aparente controle da situação.

Aquele homem que, durante anos, julgara impassível, incapaz de devaneios!

— Agora, ouça — disse. — A única coisa que podemos fazer é agir como se nada houvesse, ir em frente com as atividades habituais, ir para a cama e tudo o mais; fingir que não estamos sentindo nada, notando nada. É puramente uma questão de controle mental e, quando menos pensarmos no assunto, mais chances teremos de escapar. Acima de tudo *não pense*, porque o que você pensa, acontece!

— Está bem — consegui responder, sentindo o ar me faltar ante a estranheza daquelas palavras —, está bem, vou tentar. Mas diga-me só mais uma coisa: como explica aqueles buracos na areia?

— Não! — gritou ele, deixando o sussurro de lado, tamanha era sua agitação. — Eu não ousou, simplesmente não ousou, transformar esses pensamentos em palavras. Se você ainda não adivinhou, melhor. Não tente fazê-lo. Foram *eles* que colocaram a explicação em minha mente; tente evitar que façam o mesmo com você.

Sua voz voltou a ser um sussurro antes mesmo que terminasse a frase e não tentei forçá-lo a dar mais explicações. Já tínhamos horror demais com que lidar. A conversa acabou ali e fumamos nossos cachimbos mergulhados em silêncio.

Até que algo aconteceu, algo aparentemente sem importância, como acontece quando estamos em estado de grande tensão nervosa, mas que me deu um ponto de vista totalmente diferente da situação. Por acaso olhei para meus sapatos — próprios de navegação — e, ao mirar um buraco no lugar do dedo maior, de repente me lembrei da loja onde o comprara, em Londres, e de como o vendedor tivera dificuldade em encontrar um que coubesse em mim, assim como de outros detalhes daquela operação prática e sem o menor interesse. No mesmo instante, por associação de ideias, comeci a pensar no mundo moderno e cético ao qual estava acostumado em minha cidade. Pensei em rosbife e cerveja, em automóveis, policiais, em orquestras e em dezenas de outras coisas simples e úteis da vida. E o efeito que aquilo teve sobre mim foi imediato e surpreendente. Psicologicamente, acho, era uma reação rápida e violenta aos acontecimentos que vinha vivendo, àquela atmosfera que para a consciência comum seria impossível e incrível. Mas, fosse o que fosse, o fato é que, por um momento, pensar em coisas corriqueiras aliviou meu coração, deixando, pelo curto espaço de um minuto, minha mente inteiramente livre e sem medo.

Olhei para meu amigo.

— Seu velho pagão! — gritei, rindo alto, na cara dele. — Sonhador idiota! Supersticioso!

Seu...

Mas parei no meio da frase, novamente tomado pelo antigo pavor. Tentei sufocar o som de minha própria voz, que me pareceu sacrilégio. O Sueco, é claro, também ouvira aquele estranho grito que rompera a escuridão — um subido deslocamento de ar, como se alguma coisa tivesse chegado mais perto.

Seu rosto ficara da cor das cinzas. Erguera-se de um salto diante da fogueira e, muito ereto, me olhava.

— Depois disso — falou, com um tom urgente e desesperançado —, temos que sair daqui! Não podemos ficar mais! Vamos até a barca pegar nossas coisas e descer o rio!

Falava sem pensar, as palavras sendo ditadas pelo mais abjeto terror — o terror ao qual eu próprio vinha resistindo havia tanto tempo e que agora o tomava por completo.

— No escuro? — exclamei, sentindo um tremor histérico sacudir todo meu

corpo, mas ainda tentando controlar a situação. — Isso é loucura! O rio está em cheia e só temos um remo. Além disso, só estaríamos entrando ainda mais na terra deles. Não há nada pela frente a não ser quilômetros e quilômetros de salgueiros, salgueiros e salgueiros!!

Ele voltou a sentar-se, parecendo à beira de um colapso. Por uma daquelas transformações típicas da natureza, as posições se tinham invertido e o controle passara às minhas mãos. Sua mente afinal começava a fraquejar.

— Que diabo deu em você para fazer uma coisa daquelas? — perguntou baixinho, o rosto e a voz marcados pelo mais genuíno pânico.

Dei a volta na fogueira e fui até junto dele. Segurei-lhe as mãos, ajoelhando-me a seu lado e olhando-o nos olhos.

— Vamos avivar o fogo mais uma vez — disse, com firmeza. — Depois, vamos entrar e dormir. Assim que o sol nascer, saímos para Komorn. Agora, controle-se e lembre-se do seu próprio conselho sobre *não pensar no medo!*

Ele não disse nada e vi que concordava e obedeceria. De certa forma, foi um alívio levantar e enfrentar a escuridão em busca de mais lenha. Ficamos juntos todo o tempo, quase roçando um no outro, tateando no escuro por entre os arbustos e junto à margem do rio. O soar do gongo acima de nós não cessava nunca, parecendo mesmo aumentar de intensidade à medida que nós embrenhávamos na mata, distanciando-nos do fogo. Era uma tarefa de arrear os cabelos!

Estávamos dentro de uma moita mais fechada de salgueiros, apanhando toras de madeira que se tinham emaranhado dos galhos, remanescentes de uma enchente anterior, quando senti no braço um aperto tão forte que quase fui ao chão. Era o Sueco. Ele caíra em cima de mim e se agarrava a meu braço em busca de apoio. Ouvi sua respiração entrecortada.

— Olhe!! Pela minha alma, olhe! — sibilou.

É pela primeira vez em toda minha vida soube o que era uma voz transformada no som do terror. Ele apontava para a fogueira, a uns quinze metros dali. Segui a direção de seu dedo e juro que meu coração parou de bater.

Ali, banhado pela luz do fogo que morria, *um espectro se movia.*

Eu o via com olhos turvos, como se toldados por aquelas cortinas finas de gaze que no teatro cobrem o fundo dos palcos — em meio à penumbra. Não era humano, nem animal. Deu-me a estranha impressão de ser do tamanho de vários animais juntos, como cavalos, dois ou três, movendo-se lentamente. O Sueco também pareceu achar o mesmo, embora expressasse isso de maneira diferente, porque a ele lhe pareceu ter a forma e o tamanho de uma moita de salgueiros, arredondada no alto, de superfície trêmula, “subindo ao céu em espiral, como fumaça”, como diria depois.

— Vi quando surgiu de dentro da mata — soluçou, entre dentes. — Olhe, pelo amor de Deus! Está vindo na nossa direção!!

E num grito agudo como um silvo, completou: — *Eles nos encontraram!*

Olhei aterrorizado e mal pude ver que o espectro oscilante se aproximara de nós, pois caí para trás, em meio aos galhos. Eles, com certeza, não tinham suportado meu peso e, com o Sueco agarrado a mim, desabamos os dois na areia. Eu mal podia compreender o que estava acontecendo.

Lembro-me apenas da sensação que me tomou, como se meus nervos expostos fossem retorcidos, batidos e depois reimplantados, tiritando. Meus olhos estavam bem fechados; alguma coisa estrangulava minha garganta; e havia a sensação de que minha consciência expandia, mergulhando no espaço, até que aos poucos senti que ela se enfraquecia — e começava a morrer.

Mas um espasmo de dor aguda me trespassava e eu estava consciente de que era o Sueco que me agarrava com força indescritível, machucando-me. Era a maneira como ele se segurava em mim quando caímos.

Mas foi essa dor, ele diria depois, que me salvou: ela me fez esquecer *deles*, desviou meu pensamento no instante exato em que iam me pegar. A dor manteve minha mente distante no momento da descoberta, justamente a tempo de evitar que me levassem. Ele próprio, o Sueco, desmaiou naquele instante e foi também o que o salvou. Sei apenas que mais tarde, se pouco ou muito tempo depois não poderia dizer, dei por mim tentando escapar aos galhos dos salgueiros, enquanto meu amigo, à minha frente, estendia a mão para me ajudar. Olhei-o, confuso, esfregando o braço que ele agarrara. E nada disse.

— Acho que desmaiei — ouvi-o dizer. — Isso me salvou. Porque parei de pensar.

— Você quase quebrou meu braço — falei, pois era a única coisa que me passava pela cabeça. Estava completamente zozzo.

— Foi isso que salvou *você!* — disse ele. — Cá entre nós, conseguimos despista-los. O barulho parou. Foram embora. Pelo menos por enquanto.

Uma onda de riso histérico voltou a tomar conta de mim, dessa vez estendendo-se a meu amigo também. Caímos os dois num riso descontrolado, que nos trouxe enorme sensação de alívio.

Voltamos para junto do fogo e o avivamos com a lenha que havíamos catado. Só então vimos que a barraca tinha desabado e que a lona era um emaranhado no chão.

Começamos a rearmá-la e, enquanto o fazíamos, tropeçamos várias vezes.

— São os buracos na areia — disse o Sueco, assim que a barraca estava de novo no lugar e a fogueira renovada iluminava vários metros a nossa volta. — Olhe só o tamanho deles agora!

Em torno da tenda e perto do fogo, onde tínhamos visto o espectro, havia grandes crateras em formas de funil, semelhantes às que víamos antes pela ilha, mas muito maiores e mais profundas, e, em alguns casos, grandes o suficiente para engolir nosso pé e nossa perna.

Nenhum de nós dois falou mais nada. Sabíamos que dormir era a coisa mais segura a fazer e, assim, logo formos para a cama, depois de apagar o fogo com areia e de levar para a barraca o saco de provisões e o remo. A canoa também foi arrastada por nós até junto à tenda e colocada a nossos pés, de forma que ao menor movimento dela seríamos acordados.

Pelas dúvidas, dormimos de roupa, prontos para sair correndo ante qualquer sinal de alarme.

## CAPÍTULO V

---

EU ESTAVA DECIDIDO A PERMANECER acordado o resto da noite, vigiando, mas a exaustão de meus nervos e de todo meu corpo era tamanha que, quando a tensão diminuiu, o sono foi aos poucos me tomando com o tecido suave do esquecimento. O fato de meu amigo ter adormecido contribuiu para isso. A princípio, ele estava inquieto e a todo momento se sentava, perguntando se eu ouvira esse ou aquele ruído. Revolvia-se em seu colchão de cortiça e dizia que a barraca estava se movendo ou que o rio estava cobrindo a ilha; mas a cada vez eu saía para dar uma olha e voltava dizendo que estava tudo bem, até que ele foi ficando mais calmo e acabou aquietando-se. Algum tempo depois, sua respiração tornou-se regular e ouvi com simpatia que roncava — acho que foi a primeira e única vez na vida que o som de um ronco me fez bem.

Essa foi a última coisa que passou por minha cabeça antes que adormecesse.

Acordei sentindo a respiração difícil e logo percebi que a colcha estava cobrindo meu rosto.

Mas havia algo pressionando-me além daquela coberta e meu primeiro pensamento foi o de que talvez o Sueco tivesse rolado dormindo para cima de mim. Eu o chamei, sentando-me. No mesmo instante, senti que nossa barraca estava *apercada*. Aquele mesmo som, semelhante a milhões de pequenos passos se aproximando, estava de volta, enchendo a noite com seu horror.

Voltei a chamar pelo Sueco, dessa vez mais alto. Ele não respondeu, mas não ouvi mais seu ronco e, ao mesmo tempo, percebi que a porta da barraca estava entreaberta. Era o pecado imperdoável. Arrastei-me para fora, no escuro, para prender novamente a porta e só então me dei conta que o Sueco não estava mais ali. Ele se fora.

Saí correndo feito um louco, na maior agitação, e no instante em que me vi do lado de fora, fui atingido em cheio por uma torrente de sons que me circundavam, parecendo sair de todos os cantos do universo. Era o mesmo murmúrio de antes, só que enlouquecido! Como se um enxame de abelhas gigantes enchesse o ar à minha volta. O som parecia adensar a atmosfera, a ponto de eu sentir que o ar faltava em meus pulmões.

Mas meu amigo estava em perigo e eu não podia hesitar um só instante.

O dia começava a nascer e uma luz esbranquiçada se espalhava sobre as nuvens a partir de uma linha clara no horizonte. Não havia vento. Eu mal podia divisar os salgueiros e o rio mais além, assim como a mancha pálida dos

caminhos de areia. Saí correndo pela ilha em frenesi, chamando o Sueco pelo nome, gritando as primeiras palavras que me vinham à mente. Mas os salgueiros e o ruído no ar abafavam minha voz e som morria a poucos metros de mim. Mergulhei por entre os arbustos, abrindo caminho com o corpo, tropeçando nas raízes, arranhando o rosto nos galhos que ia encontrando pela frente.

Até que, quase sem perceber, fui parar na ponta da ilha e, recortada entre o céu e a água, vi uma silhueta escura. Era o Sueco. Estava a ponto de se jogar no rio! Um minuto mais e teria mergulhado.

Atirei-me contra ele, atracando-me em sua cintura e puxando-o para longe da beirada com todas as minhas forças. Ele lutava com fúria, emitindo um som que me pareceu semelhante ao maldito ruído que nos cercava, e soltando frases desconexas sobre “ir ao encontro deles” ou “pegar o caminho da água e do vento”, frases que depois eu tentaria desesperadamente recordar, mas que naquele instante só me enchiam de estupefação e de horror. Mas afinal consegui dominá-lo e arrasta-lo para dentro da barraca, onde o mantive, ofegante e praguejando, até que a crise passasse.

A rapidez com que tudo se passou e como ele se acalmou de repente, coincidindo com o abrupto silêncio que desceu sobre toda a ilha, foi, talvez, a coisa mais estranha de tudo o que nos aconteceu. Porque ele simplesmente abriu os olhos e virou para mim seu rosto cansado e pálido, banhado pela luz do amanhecer que penetrava pela porta, dizendo, como se fosse um menino assustado:

— Minha vida, meu amigo. Devo minha vida a você. Mas agora tudo passou. Eles encontraram uma vítima, que tomou nosso lugar.

E se confiou sob as cobertas, dormindo instantaneamente. Desmaiou, começando a roncar em seguida como se nada tivesse acontecido e não tivesse tentado afogar-se, oferecendo-se em sacrifício. E, quando a luz do sol acordou-o, três horas mais tarde — horas de vigília incessante para mim —, ficou tão claro que não se lembrava de nada do que tentara fazer que achei melhor ficar quieto e evitar perguntas perigosas.

O Sueco acordou bem disposto, quando o sol estava alto no céu sem vento, e começou os preparativos para o café da manhã. Segui-o, ainda ansioso, até a beira do rio para o banho, mas ele não quis pular, apenas molhando a cabeça e fazendo um comentário sobre a água estar fria demais.

— Finalmente, o rio está baixando — disse. — Fico contente com isso.

— Os ruídos também cessaram — acrescentei.

Ele me olhou mansamente, com a expressão de sempre. Com certeza, lembrava-se de tudo, exceto de usa tentativa de suicídio.

— Tudo cessou — disse ele — porque...

Hesitou. Mas eu sabia que ele tinha em mente a mesma frase que dissera antes de desmaiar.

E eu queria saber tudo.

— ...“Eles encontraram uma vítima”...? — perguntei, dando um risinho forçado.

— Exatamente — Respondeu o Sueco. — Exatamente! Posso senti-lo, como se... como se... O que quero dizer é que me sinto outra vez em segurança — acrescentou.

Olhou-me com curiosidade. O sol derramava-se sobre os caminhos de areia. Não havia uma brisa. Os salgueiros estavam quietos. Devagar, ele se levantou.

— Venha — disse. — Se procurarmos, vamos achar.

E saiu em disparada, enquanto eu o seguia. Manteve-se junto às margens, ficando um vara que carregava em cada poça d'água, cada recuo ou pequena baía que encontrava no caminho. Eu ia atrás.

— Ah! — exclamou de repente.

Alguna coisa em sua voz me fez reviver num segundo todo o horror das últimas 24 horas e me aproximei correndo. Com a vara, ele apontava para um objeto escuro na beira d'água, parcialmente submerso. Aparentemente fora envolvido por raízes de salgueiros, que o impediam de rolar correnteza abaixo. Poucas horas antes, aquele trecho da margem devia estar sob a água.

— Veja — disse o Sueco, baixinho. — A vítima que nos permitiu escapar.

E, quando espiei por sobre seu ombro, vi que a ponta da vara tocava o corpo de um homem.

O Sueco tentou movê-lo. Era nitidamente o corpo de um camponês, cujo rosto estava enterrado na areia. Pelo aspecto, afogara-se havia poucas horas e com certeza o corpo fora carregado pelas águas até ir dar ali na ilha, quando o dia amanhecia — *no instante, talvez, em que o rumor cessara.*

— Precisamos enterrá-lo.

— Acho que sim — respondi.

Mas estremei, porque havia alguma coisa na aparência daquele pobre homem afogado que me gelava a espinha.

O Sueco olhou para mim, com uma expressão indecifrável no rosto, e se preparou para descer a escarpa de areia. Fui atrás dele, porém andando mais devagar. A correnteza, reparei, havia arrancado parte da roupa do homem, cujo pescoço e as costas nuas emergiam de dentro d'água.

Quando estávamos em meio à descida, meu amigo estancou, erguendo a mão em sinal de alarme; não sei se meu pé escorregou, ou se eu estava curioso demais para parar assim de repente, mas o fato é que esbarrei nele, empurrando-o sem querer. Rolamos os dois pela escarpa até ir dar na areia dura, onde nossos pé afundaram n'água. E, antes que nos déssemos conta do que acontecia, colidimos com força no corpo do afogado.

O Sueco soltou um grito agudo. E eu dei um pulo para trás como se tivesse levado um tiro.

No momento em que tocamos o corpo, dele se desprende o abominável sussurro que tanto ouvíramos — apenas infinitamente multiplicado —, e algo passou sobre nossas cabeças como um bando de criaturas aladas, que desapareceu no céu, ressoando cada vez menos até cessar de todo.

Era como se tivéssemos interrompido um bando de criaturas invisíveis que, atiradas sobre o cadáver, faziam seu barulho.

O Sueco agarrou meu braço com toda força e eu me segurei nele, mas antes que pudéssemos recuperar-nos do choque, notamos que o movimento do rio estava virando o corpo, que as poucas se libertava das raízes dos salgueiros. Um momento depois já se tinha virado por completo e o rosto morto, voltado para cima, mirava o céu. Estava a ponto de ser levado pela correnteza. Mais um pouco e o rio o carregaria.

O Sueco ainda correu e tentou agarrá-lo, gritando alguma coisa sobre “um enterro digno” — mas de repente caiu de joelhos na areia, tapando o rosto com as mãos. Eu o alcancei.

E vi o que ele vira.

Porque, mexido pela correnteza, o cadáver tinha agora o rosto e o peito nu inteiramente expostos, exibindo na pele e na carne dezenas de pequenas crateras incrustadas, bem-feitas, e em tudo similares aos funis que se tinham formado na areia por toda a ilha.

— É uma marca deles — ouvi meu companheiro murmurar, baixinho. — A marca maldita.

E quando tornei a olhar na direção do rio, vi que a correnteza já fizera seu trabalho e que o corpo era levado pelas águas, fora de nosso alcance, já quase desaparecendo, rolando e rolando rio abaixo em meio às ondas, como se fosse uma lontra.

**FIM**